

154

REVISTA

CIDADES.ARTE.PATRIMÔNIO.CULTURA

NESSA EDIÇÃO

**FARNESE DE ANDRADE,
UM STACCATO**

Patrícia Yunes | pág. 07

**ENTREVISTA COM
CIDA CARVALHO
PRESIDENTE DA ACAV**

Malu Perlingeiro | pág. 11

**OS PREGÕES E A ESCUTA
DAS RUAS DA CIDADE**

Christiane Assano | pág. 18

SAUDADE

Eduardo Oyakawa | pág. 38

A MENSAGEM A GARCIA

Maria Elena Costa | pág. 31

**SÃO JOÃO, FOGO E
TRANSFORMAÇÃO**

Alencar Araripe | pág. 39



Caros leitores,

Chegamos a 10ª edição da nossa Revista 15.47, acrescidos por muitos desafios, aprendizados e certezas - algumas incertezas, certamente -, e gratidão em podermos levar para tantos boas reportagens, a partir das mãos de fantásticos escritores.

O ano de 2022 tem trazido desafios importantes para nossas vidas, como pessoas e colaboradores da Revista 15.47., e estou certa que afirmo em nome de todos sobre a grandeza e a beleza da força humana, e de nossa criatividade, e sobre quando refiro-me ao orgulho que temos da Revista e daquilo que agregamos para os leitores. Conhecimento!

Nesta edição falamos sobre artistas com qualidades ímpares, lembramos as tradições juninas, julinas e agostinas, porque essa festa prolonga-se, ano após ano, tratamos de textos antigos que nos fortalecem, e colocamos a configuração e sons que as ruas nos apresentam, em textos que trazem a boa leitura. Dentre tantos outros temas, a cidade e as tradições, nesta edição, apresentam-se ímpares, além do que, pertencedoras de nossos cotidianos.

Convidamos a apreciação das belas matérias aqui ofertadas, e esperamos que gostem daquilo que preparamos para vocês.

Aos nossos escritores, um especial agradecimento, por pertencerem a nossa revista, sendo a real motivação para que continuemos firmemente em nossa jornada, acreditando na necessidade da divulgação de bons conteúdo, escritos com primor. Para vocês, meu cordial carinho, e um especial obrigada!

Angelina Nardelli Quaglia e toda a equipe da Revista 15.47!



Angelina Nardelli Quaglia

Arquiteta Urbanista, mestre pela Universidade de Brasília-UnB. Pesquisa as áreas de acessibilidade/caminhabilidade (*walkability*); história da arquitetura, do urbanismo e das artes; representação e expressão; turístico patrimonial e tecnologias dos séculos XX e XXI. Artista plástica desde a década de 90, presta consultoria em montagem de exposições e curadoria de obras. Fundadora e diretora na empresa *PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias*, faz projetos e ministra cursos livres nas áreas que domina. Cineasta, produz pequenos curtas e desenhos. Fundadora e diretora da *REVISTA 15.47*, coordenadora a equipe editorial, assinando as colunas UM PROJETO PARA BRASÍLIA, com iniciativas pensadas para a Capital; GASTRÔ CITIES, sobre a gastronomia icônica; e O DESIGN CRIATIVO + “ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA”, onde trará temas relacionados ao design, o urbanismo, a arquitetura, e a arte.



Patrícia Yunes Ávila e Silva

Historiadora da arte e marchand, atua como pesquisadora no segmento artístico há mais de 15 anos, quando inaugurou o escritório de arte *ArtBSB*. Em seu trabalho, procura aliar a atividade comercial à disseminação de conteúdo. Dentre os vários projetos já realizados estão a criação de textos curatoriais de importantes exposições, a criação do Blog “Sobre Arte e Arrepios” e a recente participação no documentário 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA. Na *REVISTA 15.47*, além de membro do grupo diretor, assina a coluna ARTE E HISTÓRIA, onde trata de assuntos ligados a arte e seus desdobramentos no âmbito social Contemporâneo. Com trânsito fácil entre os ateliês e galerias da cidade, traz aos nossos leitores um olhar próprio, por vezes instigante, do que é produzido e apresentado em Brasília.



João Diniz

Arquiteto urbanista com seu escritório de projetos sediado em BH. Atua também com escritor, artista visual, conteudista digital, e professor no curso de arquitetura e urbanismo da Universidade FUMEC. É mestre em engenharia civil com ênfase em construção metálica pela UFOP, e doutorando pela UFMG. Em seu currículo constam, além dos projetos significativos de arquitetura e urbanismo, exposições nacionais e internacionais, cenografias, produções em design, cinema, música e livros, apresentando seus trabalhos de arquitetura, artes visuais, poesia e fotografia. Membro do grupo diretor, assina a coluna ARQUITETURA E PERCEPÇÃO, trazendo debates acerca dos temas que permeiam as cidades, a arquitetura e o indivíduo.



Malu Perlingeiro

Artista plástica profissional, representante do Conselho Curador do Colege Arte na seleção de artistas do DF, para o Circuito Internacional de Arte Brasileira. Associada do SINAP-ESP/AIAP (The United National Educational, Scientific and Cultural Organization – UNESCO), Ente e Agente Cultural concedida pela Secult DF, sócia fundadora da Associação Candanga de Artistas Visuais (ACAV). Como membro da equipe editorial da *15.47*, também escreve a coluna NOVAS ARTES EM BRASÍLIA, trazendo entrevistas e reportagens sobre novos talentos da arte em Brasília e no Distrito Federal, bem como referências de novos e tradicionais espaços de exposição em Brasília.



Maria Luiza Junior

Fomada pela Universidade de Brasília (UnB), em Comunicação Social e Cinema, mestre em História pela Universidade de São Paulo (USP), especialista em Comunicação nas Instituições Públicas pela Universidade de São Paulo (USP), e em Comunicação e Mobilização Social pela Universidade de Brasília (UnB). Militante pelos Direitos Humanos, e do Movimento Negro Unificado do DF, uma das participantes da fundação da Centro de Estudos Afro-brasileiros (CEAB), e do Movimento Negro Unificado no Distrito Federal (MNU-DF). Possui tríplice brasilidade: MG/DF/BA, e é Mãe de Preto. Na *REVISTA 15.47* assina a coluna FEMININOS MÚLTIPLOS.



André Berçott

Historiador e pedagogo, trabalha na rede SARAH de hospitais desde 2005. Com sua formação auxilia voluntariamente na elaboração dos projetos culturais fomentados pela *PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias* e a pela *REVISTA 15.47*. Participou efetivamente do projeto de educação e prevenção de acidentes, da rede SARAH, com palestras para estudantes das redes pública e privada. Na revista, escreve na coluna REFLETIR, POR QUE NÃO? Um pouco sobre a importância da reflexão sobre a vida nas RAs de Brasília.



Maria Helena Costa

Mestre em Arquitetura e Urbanismo, professora de disciplinas de Projeto e pesquisadora com foco na atuação dos estudantes segundo seu engajamento. Executive e Positive Coaching, associada à Sociedade Brasileira de Coaching, é aluna da Escola Francesa de Biodecodificação e Coadriadora do Carreira e Sucesso – o desenvolvimento para futuros profissionais e aqueles que buscam recolocação e qualificação. Fomentadores de parcerias com Instituições de Ensino para a formação de profissionais capazes e confiantes, desperta pessoas, forma times. Acredita que o processo de desenvolvimento específico deve basear-se no desportar de cada ser, conhecer seus talentos, desenvolver habilidades e competências para resultados significativos. Na *15.47* é responsável pela coluna SAÚDE MENTAL E BEM-ESTAR.



Jorge Nassar

Músico e Compositor desde a década de 90, participou de projetos musicais importantes, sendo o responsável pela coordenação musical do projeto 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA. Com facilidade para a criação, escreve e dirige como cocriador o projeto CRIATIVAMENTE, direcionado à área de entretenimento digital.

Na *Revista 15.47* é membro do corpo editorial, e responsável pela coluna MÚSICA EM BRASÍLIA - O TOM DA CONVERSA, onde entrevistará músicos brasileiros, atuantes na Capital e fora dela, debatendo temas de relevância nacional e internacional, tratando sobre a boa música e as boas histórias da capital federal.



Eduardo Oyakawa

Pós-doutor em Filosofia da Arte pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Mestre e doutor em Mística e Literatura pela PUC-SP. Sociólogo e poeta. Membro da Associação Brasileira de Filosofia da Religião. Professor e escritor, tem em entre suas obras o livro *Os Sagrados Cães Dançarinos - Mística e heresia em Franz Kafka*, resultado de mais de uma década de reflexões e questionamentos respondidos pela filosofia, teologia e na história das ideias.

Na *Revista 15.47* escreve em FILOSOFIA.



Beatriz Berçott

Fotógrafa, designer gráfica e estudante de cinema, é uma das sócias da *PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias*, e auxiliou na formatação do projeto 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA (2020). Atua como fotógrafa, criadora de arte gráfica e de desenhos com softwares de arte; desenhista de maquete 3D, e produtora de artes visuais, pequenos curtas, cinema e desenhos animados. Também é sócia fundadora da Bia's Photos, compondo fotografias e criações autorais. sob encomenda. Na *Revista 15.47* é uma das responsáveis da curadoria de imagens e pesquisa de fotografia e design., sendo também responsável pela coluna E SE A VIDA FOSSE UM FILME?, onde escreve cenas possíveis para adaptação de curas, usando a vida real. e suas nuances



Juliana Rampim

Professora, bacharela em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), mestra e doutoranda em História pela Universidade de Brasília (UnB), onde pesquisa a História da Alimentação Brasileira. Cozinha para desanuviar a vida e nutrir a quem ama.

Na revista é a responsável pela coluna GASTRONOMIA AFETIVA E HISTÓRICA, onde serão tratados assuntos ligados a memória, e as tradições culinárias presentes nas diversas culturas formadoras de nosso país, patrimônios em nossas vidas, regados de histórias e memórias. Afinal o calor do fogo cozinha junto as panelas, e mantém aquecido o coração.



Luciana Azevedo

Fisioterapeuta desde 1994, atuando, desde então, na área de geriatria e neurologia, em atendimento domiciliar.

Palestrante em formações de encontros matrimoniais e de jovens no Distrito Federal.

Missionária em comunidades carentes, no entorno do Distrito Federal, na formação e evangelização cristã.

Junto a Jézer Junior é a responsável pela coluna BRASÍLIA EM ORAÇÃO, onde nessa *Revista 15.47* serão tratados os assuntos relacionados a fé cristã em Brasília, trazendo aspectos importantes da fé e do conhecimentos relacionados ao tema.



Jézer Junior

Bacharel em Direito, com especialização em Direito Público, escritor, palestrante, professor no curso "Escola da Fé nas matérias Mariologia, Cristologia, Espiritualidade, Doutrina Social da Igreja e Catequese.

Condutor de dois programas na Rádio Rede Imaculada 94,5 FM.

Junto a Luciana Azevedo, é o responsável pela coluna BRASÍLIA EM ORAÇÃO, onde nessa *Revista 15.47* serão tratados os assuntos relacionados a fé cristã em Brasília, trazendo aspectos importantes da fé e do conhecimentos relacionados ao tema.



Christiane Reis Dias Villela Assano

Doutora em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2007), Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (1998). Possui Bacharelado em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994) e Licenciatura em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1995). É professora de música da Fundação de Apoio à Escola Técnica. Foi professora substituta na Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (FFP), na Pós-Graduação Lato Sensu "Alfabetização das Crianças das Classes Populares" da Universidade Federal Fluminense e na Graduação em Música da Universidade de Brasília (UnB). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Musical e Formação de Professores, atuando principalmente nos seguintes temas: educação musical, piano, educação musical a distância, música e educação, artes cênicas e alfabetização musical.



Francisco José Alencar de Araripe

Graduado em Psicologia desde 1973, com especialização em Base Reichiana; Psicologia Analítica; Neurolinguística, atualmente faz parte da equipe de teapeutas da COOP – Clínica de Orientação Psicopedagógica, com atuação como Analista de orientação Junguiana e Terapeuta de base Reichiana. Na *Revista 15.47*, escreve sobre PSICOLOGIA, auxiliando os leitores com ensinamentos e conhecimentos relevantes, e auxiliares, em especial para o momento que estamos vivendo.



Alexandre Guerra

Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB), participa de processos de criação ligados à sustentabilidade na área de conforto luminoso e apaixonado por monitorias em disciplinas de história. Entusiasta da fotografia e aficcionado por tecnologia, dedica-se a registrar todos os momentos enxergando as experiências sob diversas perspectivas. Curioso em saber como e por que as coisas funcionam, e tem como objetivo encontrar diversas maneiras de se conectar com o mundo e o conhecimento. Na *REVISTA 15.47* é responsável pela coluna *GUIA DO ARQUITETO VIAJANTE*, trazendo assuntos relacionados a observar viagens não como turista, mas como viajante.



Luciano Brasileiro de Oliveira

Bacharel em Direito pela Universidade de Brasília(UnB); Ingressou nos quadros da Ordem dos Advogados do Brasil, restando compromisso em 07/4/1994; Advogado desde 1994, especialista em Direito Imobiliário Consultor Jurídico da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Membro da Associação dos Advogados Trabalhistas do Distrito Federal, Membro da Associação Lusorasilense de Juristas do Trabalho. Foi Assessor Jurídico do Sindicato das Empresas de Transporte Rodoviário de Carga no Distrito Federal - Sindibras. Foi Representante do Sindibras junto à Comissão Permanente de Relações do Trabalho da Associação Nacional do Transporte de Cargas e Logística. Foi Assessor Jurídico do Sindicato Nacional das Empresas de Táxi Aéreo, SNETA. Na *Revista 15.47* escreve em DIREITO.



Lucia Helena Moura (ABAP)

Arquiteta Urbanista com graduação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1980). Atualmente é assessor na Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação, e possui experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Paisagismo, Meio Ambiente, Planejamento Urbano e Regional. Pela *Revista 15.47* representa a Associação Brasileira de Arquitetos paisagistas (ABAP), escrevendo e organizando artigos para a seção que trata de paisagem urbana e trajetória da ABAP.



Nelson Inocêncio

Bacharel em Comunicação pela Universidade de Brasília (1985), Mestre em Comunicação pela UnB (1993) e Doutor em Arte também pela UnB (2013). É Professor Adjunto no Departamento de Artes Visuais, vinculado ao Instituto de Artes da UnB, onde também atua como Coordenador de Curso de Graduação e Membro do Núcleo Docente Estruturante - NDE. Junto ao Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação exerce o papel de Membro do Comitê Institucional Gestor do Programa de Iniciação Científica (ProIC). Suas pesquisas articulam História da Arte, Estudos da Cultura Visual e Estudos das Relações Raciais. Foi Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros pertencente ao Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da UnB de 2001 a 2014. Na *15.47* é responsável pela coluna ALTERIDADES.



Lucas Pontes

Fotógrafo e estudante de arquitetura na Universidad de Buenos Aires (UBA). Nascido em Brasília -DF, vivenciou a única cidade modernista do mundo desde muito criança, demonstrando interesse por todas as artes que aqui apresentam-se integradas a arquitetura e ao urbanismo. Entretanto, este jovem artista brasileiro viu seus interesses direcionados, ao longo dos anos, para as artes fotográficas, que o encantaram desde o primeiro dia em que teve um contato mais aprofundado com o tema. Em nossa *Revista* escreve em "CONEXÕES URBANAS".



Marta Romero

Graduada pela Universidad de Chile e pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1978), com Especialização em Arquitetura na Escola de Engenharia - USP de São Carlos (1980), com Mestrado em Planejamento Urbano pela Universidade de Brasília (1985), e também Doutorado em Arquitetura pela Universitat Politècnica de Catalunya (1993), e Pós-Doutorado em Landscape Architecture na PSU (2001). Atualmente é professora titular da Universidade de Brasília (UnB), e coordenadora do o Laboratório de Sustentabilidade da PPG-FAU/UNB (LaSUS).



Elaine Toledo

Instrutora e Palestrante com mais de 25 anos na área da Aviação Civil – Comportamento, Postura Profissional e Mentoria para Aeronautas. Graduada em Gestão de Recursos Humanos e Pessoas pelo IESB, com especialização e qualificação realizados no Brasil e Bogotá/Colômbia em Taller Imagen Etiqueta y Protocolo, Taller Calidad de Vida e CRM – Corporate Resource Management.



Marta Simone

Formada em direito, atuou no âmbito do Poder Legislativo Federal (Câmara dos Deputados e Senado Federal); do Poder Executivo (Ministério da Justiça); e em Organizações Não-Governamentais, atuando na formulação e implementação de políticas públicas, "Direitos Humanos e Minorias", especialmente com o tema "Direitos da Mulher", tendo sido Coordenadora Nacional do "Programa Nacional de Prevenção e Combate à Violência Contra a Mulher" (Ministério da Justiça). Possui ainda Formação na Faculdade de Artes Cênicas (Licenciatura) e Formação em Coaching pela Sociedade Brasileira de Coaching (SBC).

● ARQUITETURA. URBANISMO. ARTE. FOTOGRAFIA. CULTURA

- 07 Famese de Andrade, um staccato - Patrícia Yunes
- 11 Entrevista com Cida Carvalho, Presidente da ACAV- Malu Perlingeiro
- 16 A Aventura do Desenho - João Diniz - Belo Horizonte-MG
- 18 Os pregões e a escuta das ruas da cidade - Christiane Reis Dias Villela Assano - Niterói-RJ
- 21 A fração de segundo que "nunca mais vai se repetir." - Lucas Pontes - Buenos Aires - Argentina
- 25 Utópico - Alexandre Guerra

● HISTÓRIA. PATRIMÔNIO. GASTRONOMIA. TURISMO

- 27 Brasília e as Festas Juninas - Juliana Rampim
- 29 Pão e acessibilidade como permissão de uso dos espaços - Angelina Quaglia

● SOCIOLOGIA. PSICOLOGIA. DIREITO. BEM ESTAR. COTIDIANO

- 31 A mensagem a Garcia - Maria Helena Costa
- 38 Saudade - Eduardo Oyakawa - São Paulo-SP
- 39 São João, Fogo e Transformação - Alencar Araripe
- 40 Festejos Juninos - Luciana Azevedo e Jéser Junior

● MÚSICA. CRÔNICA. CHARGE

- 42 A surpreendente verdade que nunca te contaram! - Elaine Toledo
- 43 Não somos os mesmos - Marta Simone
- 44 A "treta" entre Estudios e Plataformas. Um roteiro - Beatriz Berçott
- 45 É tempo de arraia - Jorge Nassar

● ARTE E HISTÓRIA



Patrícia
Yunes

FARNESE DE ANDRADE, UM STACCATO

Quando aceitei a sugestão de escrever a respeito de Farnese e Andrade, imediatamente coloquei-me a pensar, em solilóquio angustiante, no tipo de abordagem que levaria aos nossos leitores da Revista 15.47. Como dar corpo a um texto sobre Farnese, após tudo o que fora dito, dissertado e filmado em uma trajetória de desassossegos constantes?

Mergulhar nos acontecimentos que caracterizaram a vida desse grande artista exige fôlego, nervos fortes e uma boa dose de generosidade. Dessa maneira, atinei, diante do material de pesquisa sobre a mesa de trabalho, que o percurso de Farnese necessitaria de uma abordagem pessoal, delicada, não obstante firmemente apoiada em averiguações sérias e fidedignas. Esse artista brilhante, homem envolto em conflitos, ovacionado por muitos, rechaçado ou incompreendido por aqueles que ousaram perscrutar seu mundo intrincado e complexo, merece esse respiro, um aceno às relações fraternas.

Muito longe de ter um final previsivelmente escrito para o deleite da plateia, a vida de Farnese foi um

roteiro de intensa busca pela compreensão de questões metafísicas, como a morte e a maldade humana (ele viveu o período pós Segunda Guerra e Guerra Fria) e o sentido da depressão, ingrata companheira de muitos anos.

Indelévelmente marcado por acontecimentos que impactaram sua infância e juventude, Farnese foi produto de seu meio familiar, tradicionalista, mineiro e católico, e do contexto social no qual estava inserido. Dono de um temperamento obsessivo, potencializou seus traumas, turbinou suas relações de conflito com sua mãe e seu pai e lidou com sua sexualidade utilizando a arte como sua única e consistente fonte de alegria. Basta observarmos as muitas assemblages feitas para compreendermos como esse processo ocorreu.

Em consonância com seus pares na América Latina, Farnese foi uma ilha surrealista, bucólica e fantasiosa em um Brasil predominantemente Modernista. Mas isso não o impediu de se destacar no cenário artístico nacional. Recebeu vários prêmios e reconhecimento (ainda que tardio) por suas criações, além de ter trabalhado com artistas importantes, como Amílcar de Castro e Guignard.

Durante um bom período a trajetória



Exposição Farnese de Andrade: memória imaginadas. Galeria Almeida e Dale, São Paulo, 2019.

artística de desse artista ímpar foi silenciada por aqueles que não compreenderam sua arte, sobretudo a fase que teve início em 1964, quando direciona seus trabalhos para a tridimensionalidade de junção de objetos como oratórios, cabeças de bonecas, itens retirados da praia e ex-votos (*assemblages*).

Imagens realizadas pela autora durante a exposição Farnese de Andrade: memória imaginadas. Curadoria de Denise Mattar. São Paulo

Portanto, ao compreender que a trajetória artística de Farnese fora descrita, investigada e interpretada por críticos e analistas diversos, optei por relatar aos nossos leitores um diálogo informal que tive com certa amiga. Encontrara, finalmente, um pouso tranquilo, não obstante inusitado em alguns pontos, para meditar acerca de alguns dos procedimentos recorrentes do labor farnesiano.

A conversa foi iniciada a partir de dúvidas a respeito de pontos específicos de uma tela que tive a alegria de contemplar, por certo período, em nosso escritório de arte. Convido-os a uma conversa factível, que certamente teria ocorrido em um aconchegante café, caso não estivéssemos, cada uma a sua maneira, em nossas casas diante dos respectivos notebooks. Será apenas um suspiro, um pequeno *staccato* nessa obra monumental.



Exposição Farnese de Andrade: memória imaginadas. Galeria Almeida e Dale, São Paulo, 2019.

“Patrícia, acho bonito, mas queria entender um pouco mais. O que possivelmente podem significar as marcas no corpo da mulher? Seria por acaso, para mostrar as marcas da vida da mulher, como se ela carregasse muito peso nas costas e nos ombros?”

Olá, querida F*!

É com muita tranquilidade que afirmo ser parte do grupo daqueles que sentenciam: uma vez publicada a obra (na literatura) e/ou exposta a obra (artes plásticas e outras), ela deixa de pertencer exclusivamente ao artista e passaria, então, às impressões pessoais de cada leitor ou espectador. Seríamos, assim, incontáveis coautores, sendo o objeto uma propriedade, ainda que por breve tempo, daqueles que ousassem apreciá-las ou inquiri-las. Para nossas investigações, proponho, despreziosamente, um rápido exercício de reflexão a fim de termos algumas pistas mais seguras a respeito deste Nu feminino, que por ora é nosso, por direito.

Inúmeras poderiam ser as abordagens, ao diversificarmos, como convém, as perspectivas a respeito do tema. Apesar de os caminhos serem muitos, eles sempre se encontram, em mescla absolutamente enriquecedora. Seleccionemos alguns deles.

Uma abordagem técnica

As marcas nos corpos femininos são relativamente recorrentes em figurativos realizados pelo artista. Poder-se-ia dizer que, intencionalmente, Farnese criou uma “marca” pessoal, uma estratégia de marketing, algo que distinguisse e caracterizasse sua obra? Seria apenas isso?

Difícil acreditar. E recorro às narrativas diversas a respeito da própria personalidade do artista para justificar minha sensação, sobretudo se avaliarmos as produções das décadas de 1960 e 1970, quando o aspecto opressivo era preponderante em suas criações. Imagino que o artista não fosse muito afeiçoado aos jogos racionais e imediatistas do marketing de consumo, mas sim fiel aos estudos intensos que sua técnica própria e sofisticada exigia. Farnese utilizava, nesse período bidimensional de sua arte (fase premiadíssima e reconhecida internacionalmente), a “tinta transformadora”, desenvolvida pelo próprio artista e que propiciava muitos desses efeitos visuais, texturizados e contrastantes. Por fim, podemos inferir que as marcas nos corpos nus eram um traço de sua arte figurativa, no entanto, mais simbólica e técnica que racional/mercadológica, creio eu.

Imagens realizadas pela autora durante a exposição Farnese de Andrade: memória imaginadas. Curadoria de Denise Mattar. São Paulo

Poderíamos também percebê-la sob o ponto de vista estético/pessoal

Nesse caso, questões como gostar ou não podem surgir e são absolutamente legítimas, independentemente de conhecimento prévio teórico ou técnico. Alguns prefeririam a pele lisa, lembrando a beleza idealizada da arte greco-romana clássica ou renascentista. Outros sugeririam ser apenas a utilização de uma tatuagem ou a simples projeção da luz rubra vinda da janela...

Confesso que, tão logo vi essa tela por primeira vez, encantou-me, de modo especial, a colcha de retalhos em tons de rosa e azul... talvez surpreendida pelo inusitado, pela ousadia de Farnese em sair dos tons quentes e terrosos que são predominantes em seus figurativos.



Exposição Farnese de Andrade: memória imaginadas. Galeria Almeida e Dale, São Paulo, 2019.



Fotografia da autora, 2019

Finalmente, o viés sociológico/antropológico

É nesse quesito que sua observação se enquadra, e de maneira muito pertinente!

A mulher, suas muitas marcas de vida e o peso de sua própria história em seus ombros. Certamente o tema possui forte apelo social e a questão de gênero surge de modo peremptório levando-nos a pensar na relação beleza do tema *versus* beleza do objeto.

Ainda aqui, os elementos dos quais dispomos para análise sugerem algo bem diferente. No viés em questão, importante lembrarmos que o peso das vivências de Farnese interferiram em sua obra de modo explícito. O grande filósofo, historiador e crítico de arte, Georges Didi-Huberman, utiliza o termo "arte da memória", tendo no próprio objeto um local onde a lembrança pode repousar. Em Farnese, a difícil relação emocional com as mulheres (sobretudo com sua mãe), a exaltação à solidão e a efemeridade da vida (fecundação, catástrofes, morte) talvez tenham emergido de maneira desenfreada, não apenas em suas pinturas, mas também em sua fase posterior das assemblages tridimensionais.

Títulos mais específicos nas obras também podem ser bons norteadores, mas isso é outro, delicioso e extenso assunto...

De qualquer forma, amiga, a pintura em questão nos trouxe muitas inquietações! E certamente ainda há inúmeras outras. O que é ótimo!

Quando o público se detém, com a intenção de apreciar e inquirir a imagem (suas glórias e reveses), proporciona grande alegria para a maioria dos artistas e para estudiosos do assunto, independentemente dos caminhos que a imagem possa nos sugerir. Continuemos a pensar e falar a respeito de arte. Que nos incomode e que nos alimente!

Saudades de você, querida!
Muitos beijos.



● NOVAS ARTES EM BRASÍLIA



Malu
Perlingeiro

ENTREVISTA COM CIDA CARVALHO PRESIDENTE DA ACAV

A entrevistada na coluna NOVAS ARTES EM BRASÍLIA, na 10ª edição da Revista 15.47, é o artista plástica CIDA CARVALHO, atual presidente da ASSOCIAÇÃO CANDANGA DE ARTISTAS VISUAIS – ACAV, detalhando informações de interesse público.

Seja bem-vinda, Cida!
Fale-nos um pouco sobre você.

Sou Cida Carvalho, artista plástica mosaicista há mais ou menos 27 anos, com formação técnica em história da arte, restaurações, pinturas antigas e mosaico, que é a técnica em que me especializei e segue sendo meu foco até hoje. Vim de Curitiba para Brasília em 2002 para ficar 3 anos e lá se vão 20 (rsrs).

Quando aqui cheguei percebi que a primeira providência seria me filiar a alguma associação de artistas, e assim o fiz. Na época, existia a Sociedade de Artistas Plásticos de Brasília – SAP-BSB, criada em 2000 pelos mesmos artistas que mais tarde viriam a fundar a Associação Candanga de Artistas Visuais - ACAV.



Fotografia retirada das redes sociais da artista.

Durante 8 anos, além de participar de exposições e evento culturais, optei por dar aulas. Durante esse tempo, tive a chance de conhecer muitos artistas e artesãos podendo perceber a dinâmica dos ateliês, e das artes plásticas em geral, realizadas em Brasília.

Em 2008 abri meu próprio estúdio, onde estou até hoje, na Asa Norte, local no qual, além de dar aulas, produzo minha arte e desenvolvo projetos.

Quando em 2009 foi criada a ACAV, me desliguei da SAP-BSB e sou a sócia fundadora de número 28 da ACAV.

Muitos dos que estão lendo esta Revista desconhecem a existência de uma associação de classe no Distrito Federal voltada para a arte e a cultura. Por favor, conte-nos sobre a criação da ACAV.

A ACAV foi criada em 2009 em consequência do desejo da artista Flavia Isa Obino Boeckel (Flavita Boeckel) e de um grupo de grandes artistas do Distrito Federal, dentre eles Lêda Watson, Glênio Bianchetti, Marlene Godoy, Glênio Lima, Darlan Rosa, Bety Bettiol, Osmar Franco, Marília Panitz, Wagner Barja e Naura Timm, de fortalecer e unir artistas da Capital Federal, de focar no crescimento artístico de cada um por meio da promoção de exposições e de parcerias com galerias, espaços culturais, lojas de materiais artísticos, etc. Dado ao desejo de renovação e outra visão das artes e movimentos culturais mais amplos criou-se a ACAV, nome sugerido por Naura Timm e aprovado por todos do grupo.

Uma associação quando se inicia, logicamente, é pensada em dar frutos por longos anos e é preciso uma estratégia para que isso aconteça. Porém, pelo caminho, muitas vezes torna-se necessário aparar algumas arestas normais, trazidas pelo tempo e as necessidades que se apresentam. Pois bem, Flavita, uma mulher visionária das artes e do empreendedorismo cultural imaginou que uma associação na Capital do país, um cerne de decisões políticas, comportava uma entidade mais moderna, dinâmica e que o momento artístico cultural da cidade merecia sua criação. Decidiu pela fundação da ACAV, que até no nome faz jus a essa gente linda e criativa do Distrito Federal: Associação Candanga de Artistas Visuais.



Fotografia retirada das redes sociais da artista.

Explique-nos o porquê de o nome da associação se referir a ARTISTAS VISUAIS, e não a ARTISTAS PLÁSTICOS.

Nos dias de hoje a denominação Artes Visuais não causa estranhamento aos que estão acostumados a realizar ou apreciar arte. Grosso modo, artistas plásticos são aqueles cujo resultado de produções são objetos como pinturas, esculturas, gravuras, mosaicos, tecelagens, enfim, obras criadas a partir de matérias físicas. Artes visuais são mais abrangentes, são aquelas concebidas normalmente pela linguagem de cada artista ao escolher sua forma de expressão, pela qual dá sentidos diferentes a suas obras. Linguagem e interpretação figuram nas artes visuais, assim como as tintas nas artes plásticas.

Em resumo, a ACAV, além dos que produzem as artes plásticas mais conhecidas, como as vertentes de pinturas e esculturas, engloba entre seus filiados os fotógrafos da cidade que são muitos e muito bons, acolhe e dá lugar aos que realizam a arte digital, aos criadores de vídeos, aos que fazem arte urbana, o grafite, aos que executam performances, e a todos que dignifiquem a Arte em nossa Capital.

Desde quando exerce o cargo de Presidente da ACAV?

Em 2014 Flavita me convidou para ser presidente da ACAV. Eu pensei e respondi não... ainda não... Como empreendedora meu foco tem início, meio e fim (ou não... rsrs). Continuei participando como artista filiada, mas já com um foco diferente e uma pergunta em mente: o que poderia fazer pela associação que a fizesse crescer e se fortalecer? E por alguns anos eu fui seguindo minha caminhada como artista empreendedora e finalmente, antes da pandemia, eu já tinha em meu pensamento o caminho que gostaria de percorrer como presidente. Então, em 2021 me candidatei já com ideias e projetos mais elaborados em minha cabeça. Consegui formar uma chapa bacana com artistas comprometidos e interessados.

Assumimos no dia 26 de julho de 2021 e vamos até 26 de julho de 2023 e desde o início da gestão nossa meta era iniciar uma reconstrução da Entidade de Classe. Não que estivesse desconstruída, mas agimos no sentido de traçar novos caminhos. Uma de nossas primeiras ações foi contratar a consultoria de uma empresa de publicidade, descrevendo a ACAV no momento atual, solicitando que nos fosse indicado um caminho de crescimento, levando em conta todas as facilidades, principalmente as tecnológicas, e assim conseguimos ver dentro de nossas propostas, novos caminhos para alcançarmos nossos objetivos durante o período da gestão. Partindo dessa ideia, resolvemos de imediato pela alteração da logo original. Sentíamos que a imagem não deveria ser voltada somente para a arquitetura da cidade, mas que mostrasse também uma figura representativa dos artistas filiados. Dessa forma, ao antigo desenho das linhas da Catedral, foram acrescentados os Candangos, que apesar de serem a imagem de um conhecido monumento de Brasília, bem traduzem o nome da associação e a alusão ao aspecto humano.

O que foi realizado pelos artistas associados desde que assumiu sua função como presidente? Quais são suas expectativas para a gestão em que estará à frente da ACAV?

Bem, assumimos em 2021, em junho, ainda dentro de um quadro grave de pandemia, já com as vacinas, mas ainda muito fechado e incerto. Iniciamos nosso trabalho elaborando um cronograma para 2022, procurando respeitar os planejamentos anteriores. Enfrentamos o desafio de

implantar um calendário de ações, pensando em como tornar possível a realização de quatro grandes exposições por ano, como é o costume desde a criação da Associação, usando para isso editais do governo como respaldo para essas ações e outras também.

Em dezembro de 2021 realizamos a tradicional Exposição Anual da ACAV, marcando nossa presença no referido ano. Foi uma exposição agregadora e que teve um gostinho de liberdade, já que a pandemia estava dando uma trégua.

Recentemente, em 2022, fizemos uma parceria com o Instituto Arvoredo, no Parque da Cidade, e aconteceu nossa segunda exposição desta gestão, em homenagem aos 62 anos de Brasília.

Já encaminhamos propostas e projetos para mais três exposições que serão muito marcantes para os artistas e para a ACAV. Em breve divulgaremos os espaços que receberão nossas mostras.

O foco maior da nossa gestão será o artista! Fortalecê-lo. Dentre nossas ações para essa gestão está a possibilidade de volta do Ateliê Aberto, projeto que foi implantado pela associação anterior, o qual tem como objetivo abrir as portas de ateliês que atendam a critérios para receber uma vez ao mês visitantes, movimentando o turismo de arte em Brasília, levando mais pessoas para dentro dos ateliês e estúdios, dando mais visibilidade ao artista e ao que está sendo feito.

Quais são os princípios e os objetivos da ACAV?

Como constam no Estatuto da ACA(...)

Princípios: Melhorar a qualidade de vida da população e seu desenvolvimento sustentável; Promover a cidadania, união, paz, e respeito aos direitos humanos; Contribuir para a construção de uma sociedade justa, democrática e de direito, fundamentado em valores éticos e morais; Observar os princípios da legalidade, impessoalidade, e da moralidade, sem qualquer discriminação de raça, cor, gênero ou religião.

Objetivos:

Incentivar e promover a criação artística no DF e região; Prestar serviços de interesse dos sócios, diretamente ou por meio de parcerias, convênios e contratos com outras entidades; Melhorar as interações, trocas de

d informações, experiências e intercâmbios entre os sócios e outras associações congêneres; Manter permanente sistema de informações sobre mostras, feiras, oportunidades de financiamento e patrocínio às artes visuais; Organizar e realizar eventos, mostras, feiras e outras atividades de divulgação e vendas; Apoiar o desenvolvimento de projetos artísticos, culturais e sociais de relevante interesse comunitário; e Colaborar com outros órgãos públicos ou privados na promoção e divulgação das artes visuais.

E quanto ao número de associados? A ACAV é constituída por número limitado de artistas?

A ACAV tem condições de receber todos os que a procuram.

No momento é difícil dizer o número exato de associados. Iniciamos o cadastramento dos artistas e tentamos minimizar as dificuldades reduzindo para a metade a anuidade, na tentativa de facilitar essa questão sem deixar de ter alguma renda durante o ano de 2020.

Dois anos inteiros afastaram muitos artistas, mas aos poucos muitos estão retornando e novos artistas estão se filiando. Hoje temos em nosso cadastro mais de 250 inscritos, mas nem todos em dia com a Associação. Porém, tivemos muitas adesões de artistas que pagaram o valor integral, entendendo o momento e se mostrando colaborativos com as preocupações da Associação com o apoio financeiro.

Em princípio não existem categorias estabelecidas, o objetivo da ACAV é acolher os artistas interessados e propiciar o desenvolvimento e o fortalecimento de seus associados, portanto, é necessário que o pretendente preencha a ficha de inscrição e atenda a todos os requisitos exigidos pela ACAV. O primeiro passo é entrar em contato por meio de nosso e-mail acav.cadastro@gmail.com solicitando seu cadastramento.

Não é fundamental que o interessado seja formado em Belas Artes, mas sim que tenha a arte como objetivo, mesmo que seja autodidata. Quando se fala em autodidata, estamos falando daquela pessoa que descobriu seu dom, se apaixonou pelas artes, por determinada técnica, e desenvolveu suas habilidades por meio de cursos técnicos, procurando se aperfeiçoar dia a dia.

A ACAV não é uma entidade elitista. É composta por artistas experientes que já conseguiram muito sucesso, vivem de sua arte, e que fazem a diferença em sua comunidade, até mesmo como formadores de opinião, capazes de movimentar em todos os aspectos a cultura e a arte. Mas não somente pelos mais experientes, pois existem aqueles que estão na metade desse caminho, e também aqueles que estão engatinhando, que almejam um dia ser como os primeiros descritos aqui. Temos artistas consagrados que foram morar em outras cidades e estados, até mesmo em outros países, e continuam sendo membros da ACAV, participando de exposições. Assim como temos artistas que residem em Regiões Administrativas consideradas mais abastadas, temos artistas residentes no Entorno e nas Cidades Satélites. Hoje em dia muitas pessoas, independentemente da condição financeira, preferem morar mais afastadas e vão para o Entorno que, por sua vez, veem dia a dia o crescimento da procura por moradia e investem em condomínio. Assim, no Entorno existem e coabitam todas as classes e daí saem artistas ou aspirantes, independentemente da condição financeira. Todos são acolhidos da mesma maneira, com respeito e consideração, seu trabalho é valorizado e divulgado cumprindo os princípios e objetivos primordiais da associação como entidade de classe.



Tendo o conhecimento de que a ACAV é uma entidade sem fins lucrativos e que depende do pagamento de taxas de anuidade para existir, qual é a situação dos artistas financeiramente carentes. De que forma retribuem o fato de serem acolhidos pela associação sem que tenham como pagar anuidade?

Temos no nosso estatuto isenções para artistas com déficit intelectual ou físico. Não temos hoje uma política para artistas carentes, mas há casos de artistas carentes que são apadrinhados por membros da associação. Cada caso é um caso... Precisamos de mão de obra dentro da associação e se houver possibilidade de permuta com algum candidato a associado cujas habilidades de alguma maneira venham ao encontro de nossas necessidades, pode ser, como uma forma de respeitar o ser humano e promover a cidadania sem discriminação, sempre que possível desenvolvendo atividades artísticas que venham a elevar a qualidade da cultura e da arte.

Quais são os órgãos de decisão e gestão?

Em princípio, como consta em nosso Estatuto, decisão e gestão são exercidos pela Assembleia Geral, Diretoria Executiva, Conselho Fiscal e Conselho Consultivo. Respeitamos o estatuto, mas somos uma associação na qual todos têm voz ativa e praticamente todas as decisões são discutidas em reuniões com as diretorias específicas ou todas juntas. Normalmente a decisão final é da Presidente.

Como é realizada a escolha da diretoria? Por quem são compostas as funções na Diretoria do atual biênio, de 2021 a 2023?

Para a escolha dos integrantes de uma nova diretoria, ao final de cada gestão é aberto um edital e assim quem estiver interessado em exercer alguma função, pode se candidatar. Uma associação é uma instituição onde todos trabalham voluntariamente tornando assim, muitas vezes difícil a montagem de uma chapa, ou seja, encontrar as pessoas certas para todos os cargos. Segundo nosso estatuto devemos ter diretorias específicas atuantes ou adjuntas, e diretores atuantes, além de suplentes. Decidida a me candidatar ao cargo de presidente fui em busca dos associados interessados em colaborar para compor a chapa e esta é a diretoria atual:

Presidente: Cida Carvalho
Vice presidente: Donizetti Garcia
1ª Diretoria Administrativa: Francisca Caravellas
2ª Diretoria Administrativa: Salete Henkes
1ª Diretoria Financeira: Jesus Evangelista
2ª Diretoria Financeira: Maria de Lourdes Pimentel
1ª Diretoria de ARTE e CULTURA: Perpe Brasil
2ª Diretoria de ARTE e CULTURA: Nina Telles
1ª Diretoria de Comunicação Social: Fabio Dourado
2ª Diretor de Comunicação Social: Noelia Lacerda
Conselho Fiscal: Fernanda Curado, Andrea Grecov, Gildred Nascimento // Suplentes: Itiro lida e Lia Paes
Conselho Consultivo: Malu Perlingeiro, Socorro Mota, Eunice Dias, Maria Campolina, Irany Poubel, Roselena Campos, Stella Lopes, Wal Andrade, Thea Sisson.

E quanto às receitas e o patrimônio da ACAV?

Nossa receita hoje vem das anuidades pagas pelos artistas, que podem ser divididas em duas semestralidades. Nosso patrimônio é o nome da instituição somado aos de nossos associados.

Muitos associados manifestam desejo de se profissionalizar. Esses artistas poderiam receber orientação sobre como proceder?

Sim, sempre. Isso está previsto no nosso estatuto.

Quanto à possibilidade de o artista participar de editais do Fundo de Apoio à Cultura no DF, quais os procedimentos a serem seguidos?

Primeiro o artista tem que ficar atento aos editais pois eles têm limite de data. Ter o projeto pronto ou já encaminhado é fundamental. Essa burocracia não passa pela ACAV. Nós apenas orientamos o artista dos procedimentos e o restante é diretamente com a Secretaria de Cultura.

Com certeza existe a intenção de fortalecer a ACAV no cenário cultural do Distrito Federal. Quais são os principais planos para o futuro?

Participar como ACAV de editais públicos para a realização de exposições e também lançar salões de arte com premiações.
. Apresentar a ACAV a Brasília, para órgãos do governo, embaixadas, espaços institucionais e culturais.
. Fortalecer parcerias com galerias e escolas de arte.
. Fiscalizar o andamento de leis de incentivo no tocante a, por exemplo, a Lei de Gim Argelo que diz que cada 1000m² construídos, para receber o Habite-se, obrigatoriamente deve conter uma obra de arte realizada por artista plástico profissional cadastrado na Secretaria de cultura do DF.
. Participar mais de reuniões de Conselhos de Cultura da cidade.
. Apresentar planos visando facilitar o ingresso do artista profissional no mercado de arte.

Deixe aqui sua mensagem para Brasília pelo recente aniversário de 62 anos de existência.

Brasília, nossa Capital Federal, produtora de muitos magníficos artistas e condições para que cresçam e se desenvolvam. Que tenhas séculos de vida!! Que continues sendo essa mocinha apaixonada por arte e cultura, pois uma comunidade que não valoriza sua cultura e arte não encontra parâmetros para bem viver e se desenvolver de maneira satisfatória como o atual momento exige.

● ARQUITETURA E PERCEPÇÃO



João
Diniz

A AVENTURA DO DESENHO

O desenho é uma atividade natural do ser humano.

As pessoas nascem e aprendem logo a desenhar quase que ao mesmo tempo que aprendem a falar, andar e pensar.

Desde os tempos mais remotos as imagens desenhadas aparecem como os primeiros registros das observações e reflexões sobre o mundo em volta.

Do homem das cavernas, de milênios atrás, ao cyberman digital da atualidade

vivemos num mundo de imagens que surgem, desaparecem ou permanecem a cada instante.

A maioria das pessoas diz que não sabe desenhar se esquecendo que na infância passaram momentos de desfrute e criação junto dos lápis e papéis sem sequer considerar se sabiam ou não, mas se descobrindo ao produzir novos traços e formas.



Aí perguntamos:

- Em que momento e porque as pessoas desaprendem a desenhar?
- Quem as des-ensinou?
- Esta foi uma censura externa ou interna?



Desenhar é correr um risco, nos dois sentidos: o risco-traço gráfico que registra a imagem ou o risco que arrisca o perigo de errar, de não conseguir a figura imaginada; mas também de poder gerar um registro que servirá a muitos no campo da comunicação informal ou programada, da beleza, da técnica ou da arte.

Nas línguas inglesa e espanhola existem dois sentidos para a palavra portuguesa 'desenho': eles usam 'drawing/dibujo' para definir o desenho técnico ou funcional; e a palavra 'design/diseño' para indicar o que entendemos por projeto.

A palavra design se traduz como desígnio, plano, intento, destino que são as missões de um projeto que pode ser transformador, revelador ou mesmo desagradável e predador.

Nesta missão das linhas não importa se elas foram geradas pela mão ou pelo computador que são meras ferramentas que manifestam os impulsos da mente e do espírito humano.

O desenho alcança seu papel mais importante quando se transforma em obra de arte, ou quando descreve um projeto, funcionando como um idioma gráfico que propõe o futuro.



Então, qual a sua relação com o desenho? Você ainda é capaz de se expressar através das linhas, das formas e das cores, sem se importar se alguém faz melhor, ou se não alcança a sua precisão desejada?

Não existe erro na espontaneidade.



Assista ao autor no filme a 'Wrong Bienalle 5: Bienal Internacional de Arte Digital, legendado em inglês, a partir de Atenas na Grécia, no "pavilhão virtual Acropolis Remix: embraces: utopian proximities" sob curadoria de Celina Lage e Celina Lage e Livia Lpoes. Conheça essa ação coletiva em: <https://acropolisremix.eu.org/>

Conheça mais sobre o João Diniz em a <http://www.joaodiniz.com.br/>





Christiane
Assano

OS PREGÕES E A ESCUTA DAS RUAS DA CIDADE



Um pianista adentra a sala de concerto e inicia a performance da peça 4'33", do compositor norte-americano John Cage.

Ao invés da escuta dos sons do piano, o que se escuta são os sons do ambiente, a tosse dos ouvintes, ou mesmo, um aparente silêncio. Aparente, porque o próprio John Cage nos revelou que o silêncio absoluto simplesmente não existe. Mesmo que nos isolemos numa câmara anecoica que isola todos os ruídos, continuaremos a escutar os sons do nosso corpo.

Na peça 4'33" são os sons do ambiente que tomam o lugar, o palco e a cena musical. E o pianista segue, virando a página enquanto o relógio corre (1).

Cage é um compositor que deixou sua marca na história da música, pois nos permitiu ampliar as formas de escutar, rompendo com conceitos musicais engessados e alertando-nos para a importância do silêncio.

Tal como Cage, Murray Schafer, compositor canadense, também nos abriu os ouvidos para a música do mundo e para a importância do silêncio. Segundo ele, "o silêncio na música é como as janelas na

arquitetura; deixam passar a luz". (Schafer, 1996, p. p.56)

É o próprio Schafer quem nos presenteia com o neologismo soundscape, em português traduzido como "paisagem sonora". Ao misturar as palavras sound and landscape, Schafer nos faz refletir sobre um novo universo de sons. Diz ele:

Empregamos a expressão 'paisagem sonora' (soundscape) para descrever o meio acústico; esse neologismo inglês é formado a partir do termo landscape (paisagem). Trata-se, na verdade, de uma espécie de paisagem, mas com propriedades diferentes. Pensemos em todas as pessoas que nos ajudaram a definir o significado de paisagem: os geólogos estudaram sua estrutura, os geógrafos as formações de superfície, os pintores e poetas a descreveram, os jardineiros e engenheiros lhe deram forma, os arquitetos e urbanistas a embelezaram. Mas quem se preocupou em estudar a paisagem sonora? Esta é uma disciplina que temos de aprender agora, ou melhor reaprender.

(Schafer, 1977, p. 5)

E Schafer não fica apenas no discurso. Coloca em prática este estudo em suas pesquisas, composições e aulas. Conforme observamos no texto "Compositores em sala de aula" (Schafer, 1996), o compositor provoca uma reflexão junto a seus alunos sobre o que é música. Várias ideias se destacam: alguns alunos a definem como "algo que você gosta"; outros a tratam como "som agradável ao ouvido"; "arte"; "som organizado com ritmo e melodia".

Inúmeras definições são apontadas e questionadas e, com muita habilidade, Schafer vai desconstruindo algumas ideias congeladas sobre gosto musical, mostrando que não podemos basear o conceito de música usando como parâmetro nossos gostos ou nossas ideias do que pode ser ou não agradável ao ouvido, já que temos percepções diferentes sobre o tema.

Finalmente, depois de experimentar várias fontes sonoras, Schafer e seus alunos estabelecem alguns parâmetros iniciais para suas reflexões, em que a intenção e a organização dos sons contribuem para que possamos compreender o conceito de música. Como o próprio compositor José Miguel Wisnik (1989) afirma, cada cultura vai trabalhar de forma a organizar seus sons e ruídos, incorporando-os ou excluindo-os, de forma que, para esta cultura, os sons sejam organizados como música.

Para fazer música, as culturas precisam selecionar alguns sons entre outros: já falamos sobre o caráter ordenador de que se investe essa triagem, na qual alguns sons são sacrificados (vale o termo, também nesse sentido), isto é, jogados para a grande reserva dos ruídos, em favor de outros que despontarão como sons musicais doadores de ordem.

(WISNIK, 1989, p. 53)

1. Cage, John. 4'33". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JTEFKFIXSx4>>. Consulta realizada em 30 de março de 2022.

Assim, cada cultura escolhe ou exclui sons para produzir o que se pode chamar de música dentro de seu universo.

E, para não encerrar a reflexão dentro do debate que travava com seus alunos, ao escutar a sirene da escola, termina a aula questionando seus alunos: "isso é música?"

Foi com essa escuta ampliada pelos questionamentos de Cage, Schafer, Wisnik e outros músicos importantes como Hermeto Pascoal, que passei a investigar os sons da rua durante minha pesquisa de doutoramento.

Interessava-me compreender como um ouvido, **sem pálpebras**, como assinalou Schafer, absorve, escuta, ou simplesmente, ouve, os sons do ambiente. Como nossos atos afetam o mundo sonoro, mas também, como são afetados por ele.

Investiguei os pregões das ruas de Niterói - RJ, pois, como professora de escola pública naquela cidade à época do estudo, sempre me interessei sobre a escuta e os sons que forjavam meus alunos de alguma forma, como eles construíam suas ideias musicais e como esses sons da cidade os influenciavam.

Tudo começou quando um aluno chegou imitando um vendedor de balas.

Halls, Halls três por um real.

Se o papel tivesse som, seria possível mostrar ao leitor como era a performance do aluno ao produzir a palavra Halls. Seu som assemelhava-se a um latido de cachorro. Foi neste momento que minha atenção ficou voltada para a força dos pregões e sua influência musical na formação de todos nós, ouvintes.

Pregões de afiadores, vendedores dos mais diversos produtos invadem os ouvidos todos os dias, mesmo que não nos demos conta. Nas ruas de Niterói, encontrei vendedores de pilha, capas de celulares, de alimentos, de bolinhas de sabão no parque infantil, entre outros. Cada um com sua estratégia visual e sonora para conquistar compradores. Todos tentando, mesmo no ambiente ruidoso da cidade, deixar a marca de seu pregão.

E como é construído um pregão? Bem, podemos afirmar que, certamente, o pregoeiro usa algo que aprendemos desde nossa infância:

Quando a criança ainda não aprendeu a falar, mas percebeu o que a linguagem significa, a voz da mãe, com suas melodias e seus toques, é pura música, ou é aquilo que depois continuaremos para sempre a ouvir na música: uma linguagem onde se percebe o horizonte de um sentido que no entanto não se discrimina em signos isolados, mas que só se intui como uma globalidade em perpétuo recuo, não-verbal, intraduzível, mas à sua maneira, transparente.
(Wisnik, 1989, p.27)

Seja pelo "baby talking" produzido pela mãe, seja pela entonação da voz de cada ser com quem convive, o bebê escuta o discurso pela entonação, pela musicalidade do falante e é justamente neste ponto que o pregoeiro sabe marcar seu espaço.

Alguns livros sobre a história dos pregões ressaltam que, mesmo sem saber o que era vendido, os pregões nas ruas de Paris eram reconhecidos de muito longe, justamente pela melodia que os vendedores utilizavam como sua marca. E, ao pesquisar os pregões de hoje e indagar sobre sua construção, alguns pregoeiros falavam que aprenderam com seu pai ou alguém da família que já vendia o produto. Desta forma, é possível ver que a forma musical de um pregão não é engessada, pois, embora tenha uma tradição, é

sempre recriado pelo apregoador e pela situação da performance. Um passante que lança um olhar - na expressão dos vendedores, que "dá bola", pode fazer com que o pregão fique mais intenso, mais forte, exalte ainda mais o preço ou a qualidade e variedade do produto, conforme observei durante a pesquisa.

O pregão é, sem dúvida, uma forma de publicidade tão antiga quanto a própria história da humanidade e suas formas de comercializar produtos.

E, para tornar este artigo mais sonoro e mais vivo, por que não sugerir ao leitor que feche seus olhos por alguns instantes e tente "observar" o mundo com seus próprios ouvidos, tendo a escuta da "paisagem sonora" como foco?

O que se escuta? Há sons da natureza, de máquinas, de vozes, de pregões?

De pregões, certamente, se o ouvinte estiver num grande centro urbano. Além disso, há pregões também que habitam as memórias de cada um.

E não é preciso ir à feira para isso: quem, em Brasília, nunca ouviu o pregão da pamonha de seu apartamento? De afiadores de alicate e tesoura que circulam pelo Plano Piloto? De gente que conserta panela? Quem nunca ouviu o caminhão de sorvete com sua música eletrônica (irritante para uns e agradável para outros)? E o famoso "Olha o gás" que circulava há alguns anos atrás no Plano Piloto - e talvez ainda faça sua performance em outros cantos?

Por mais que sejam escassos, eles ainda sobrevivem. Servem para atrair potenciais clientes por meio da atração provocada pelos sons.

Usando a entonação das palavras, o vendedor vai compondo sua própria música na forma que toma o pregão ao ser cantado/gritado/falado. Ainda, as qualidades do produto exaltadas no

pregão fazem com que a publicidade do produto seja eficaz e leve o consumidor a comprar ou, ao menos, provoca nele este desejo.

À época da pesquisa, identifiquei alguns padrões na construção do pregão. Um deles era como o vendedor procurava ressaltar algumas vantagens do produto, que custavam, em sua maioria, apenas um real: 5 por 1 real, 3 por 1 real, etc, mostrando ao cliente a vantagem de se comprar o produto vendido nas ruas e nas feiras. Todas as vantagens mostram certa comodidade ao cliente. O homem que conserta painéis, "passa na sua porta"; o vendedor de sorvete oferece uma variedade de sabores; o vendedor da pamonha diz que ela "tá fumaçando", exaltando a qualidade de seu produto fresquinho e quentinho.

Certamente, alguns pregões passam em nossas portas – nas portas de casa e nas portas dos nossos ouvidos. É bem verdade que nem sempre conseguem entrar, mas, havendo uma pequena fresta, eles se escondem, para um dia, talvez, serem reavivados pela memória. Afinal, a publicidade é feita para isso.

Se realizarmos um pequeno e rápido inventário, lembraremos muitas músicas usadas em propagandas de televisão. A própria música conhecida como "O Bife" foi recriada pela empresa que dizia que seu alimento "valia como um bifinho". E como ela chegou até nós, popularizando-se de forma tão eficaz?

Além de ser utilizada em uma cena de Tom Hanks no filme "Big" (1988) que, dentro de uma loja de brinquedos, toca um teclado com os pés, também ficou muito conhecida pela propaganda do iogurte no Brasil, no ano de 1989, conforme assinalamos anteriormente.

No entanto, a música original - The Celebrated Chop Waltz - foi composta em 1877 por uma mulher, Euphemia

Allen e publicada com pseudônimo masculino (Arthur de Lulli) pela editora da família.

Para quem era criança à época, a música do "bife" ficou muito marcada.

São sons que adentram nossas memórias sem o nosso controle. Ali entram e ali permanecem de alguma forma.

E assim é com o pregão. Quantos poderiam lembrar inúmeros pregões que ouvíamos quando éramos crianças, ou ainda, pregões que hoje ainda fazem parte de nosso cotidiano? Como não ressaltar sua importância na formação de ouvintes, já que os sons invadem nosso cotidiano, queiramos ou não?

Certamente, há algo que a música dos pregões e a música dos mais diversos anunciantes sabem usar com maestria: os chamados "tonemas"(Tatit, 2004). Ao realizarem um perfeito casamento entre os acentos naturais das palavras, as inflexões da fala e os acentos musicais, o ouvinte é atingido pela flecha do desejo.

Como afirma Tatit (2004),

o que assegura a adequação entre melodias e letras e a eficácia de suas inflexões é a base entoativa. De maneira geral, as melodias de canção mimetizam as entoações da fala justamente para manter o efeito de que cantar é também dizer algo, só que de um modo especial (p. 73)

E, ao mimetizar as entoações da fala, a música soa de forma natural, cola como um "chiclete" em nossas mentes, por meio de nossa escuta. Queiramos ou não, ela passa a fazer parte de nosso repertório.

Além do uso da "base entoativa", o vendedor nos seduz ao compreender o olhar, o interesse e o desejo do comprador quando apregoa seu produto ou seu serviço. Faz música, grita, fala, ento, canta e também, nos encanta. Alerta-nos para conceitos engessados que nos restringem para compreender o que pode ou não ser música. Interfere em nossos repertórios musicais, que prefiro denominar bibliotecas sonoras internas. Desafia-nos a escutar de outros lugares, assim como Cage, Schafer e Wisnik. Unem música e palavras com precisão e maestria.

Os pregões revelam a paixão de Cage, quando nos declara: "I love sounds just as they are". Lembram-nos que música pode também ser entendida de diferentes formas: para uns, música é apenas o conceito citado nos dicionários; para outros, vale a citação de Schafer (2001,p.19): "música é sons, sons à nossa volta, quer estejamos dentro ou fora das salas de concerto."

E para você? O que é música? Onde fica o pregão?

Referências Bibliográficas

ALLEN, E. The Celebrated Chop Waltz. Disponível em: <[https://imslp.org/wiki/The_Celebrated_Chop_Waltz_\(Allen,_Euphemia\)](https://imslp.org/wiki/The_Celebrated_Chop_Waltz_(Allen,_Euphemia))>. Consulta realizada em 10 de abril de 2022.

ASSANO, C. R. D. V. Entre fala, canto e grito: os pregões do Centro de Niterói. 2007. Tese (Doutorado em Música) - Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

DUCKWORTH, W. Talking Music. New York: Da Capo Press, 1995.
HOCHBERG, Joel. John Cage's 4'33". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JTEFKFiXSx4>>. Consulta realizada em 30 de março de 2022.

MOVIECLIPS. Big (1988) - Playing the Piano Scene. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CF7-rz9nlN4>>. Acesso em: 28 abril 2022.

SCHAFFER, R. Murray. O mundo dos sons. O Correio da Unesco, Brasil, ano 4, n. 1, p.4-8, jan. 1977.

_____. O Ouvido Pensante. São Paulo: UNESP, 1996.

_____. A afinação do mundo. São Paulo: UNESP, 2001.

TATIT, Luiz. O século da canção. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

WISNIK, J. M. O Som e o sentido. São Paulo: Cia das Letras, 1989.



● CONEXÕES URBANAS



Lucas
Pontes

A FRAÇÃO DE SEGUNDO QUE "NUNCA MAIS VAI SE REPETIR."

Fotografias do autor

"Se você escreve ou pinta, pode voltar e refazer quantas vezes você quiser. O fotógrafo pode tentar, mas aquela fração de segundo nunca mais vai se repetir." Lee Friedlander

Esse primeiro artigo da minha nova coluna "CONEXÕES URBANAS", vai ser basicamente pra contar como são meus primeiros cinco meses aqui e mostrar fotos de lugares que tenho frequentado quase que diariamente.

Como toda nova mudança, o começo não foi fácil, tudo era novo, mas ao mesmo tempo, tudo me lembrava o Brasil, fotografar não era fácil, não me sentia motivado e não tinha vontade de sair desbravando Buenos Aires. Minha rotina era passar o dia em casa, não tinha muito o que fazer. Até que um dia eu decidi ir a um parque perto da minha casa, levei minha câmera e decidi arriscar fazer algumas fotos, as fotos falam por si, eram fotos subexpostas, e que geram uma sensação de enclausuramento. Me custava muito fazer coisas que eu amo fazer, como por exemplo, fotografar.

O primeiro artigo não será uma apresentação da cidade, será minha apresentação, me mostro aqui como um homem sensível e que lutou contra seus pensamentos para permanecer aqui e lutar contra seu principal inimigo, ele mesmo. Será um texto cheio de vulnerabilidades, mas também não quero que seja um artigo triste e cansativo, afinal tenho minhas fotografias para quebrar um pouco esse gelo.

A fotografia é uma ferramenta de documentação muito importante, poder evocar memórias e sentimentos nas pessoas é uma coisa espetacular, há também a oportunidade de observar, numa sequência cronológica, as transformações profundas na trajetória de quem produz arte, podendo perceber as experiências vividas e tudo aquilo que

viveu o(a) autor(a). Chego em Buenos Aires para estudar, mas também é uma excelente oportunidade para que eu produza novos materiais fotográficos.

Sou natural de Brasília, uma cidade completamente diferente da capital argentina. As primeiras impressões são incríveis, é uma cidade cheia de parques, muitas árvores, mas ao mesmo tempo muito concreto, as edificações em sua maioria, tem um estilo clássico muito interessante, lembrando inclusive a arquitetura francesa. Outra coisa me chamou muito a atenção, pelo menos na Cidade Autônoma de Buenos Aires (CABA é a denominação para a parte central da cidade - e também a parte com maior concentração de capital -, que é cercada pelas províncias, divididas em zona norte e sul, essas não fazem parte da cidade autônoma, mas que são sim parte de Buenos Aires, capital.), foram as constantes obras feitas por toda a capital, obras de manutenção e conservação de pistas, edifícios, calçadas, podas de árvores, obras de jardinagem e também de saneamento básico.

Vale salientar porém que ainda não fui às "villas", assim conhecidas as zonas mais desfavorecidas e com maior concentração de desigualdades sociais.

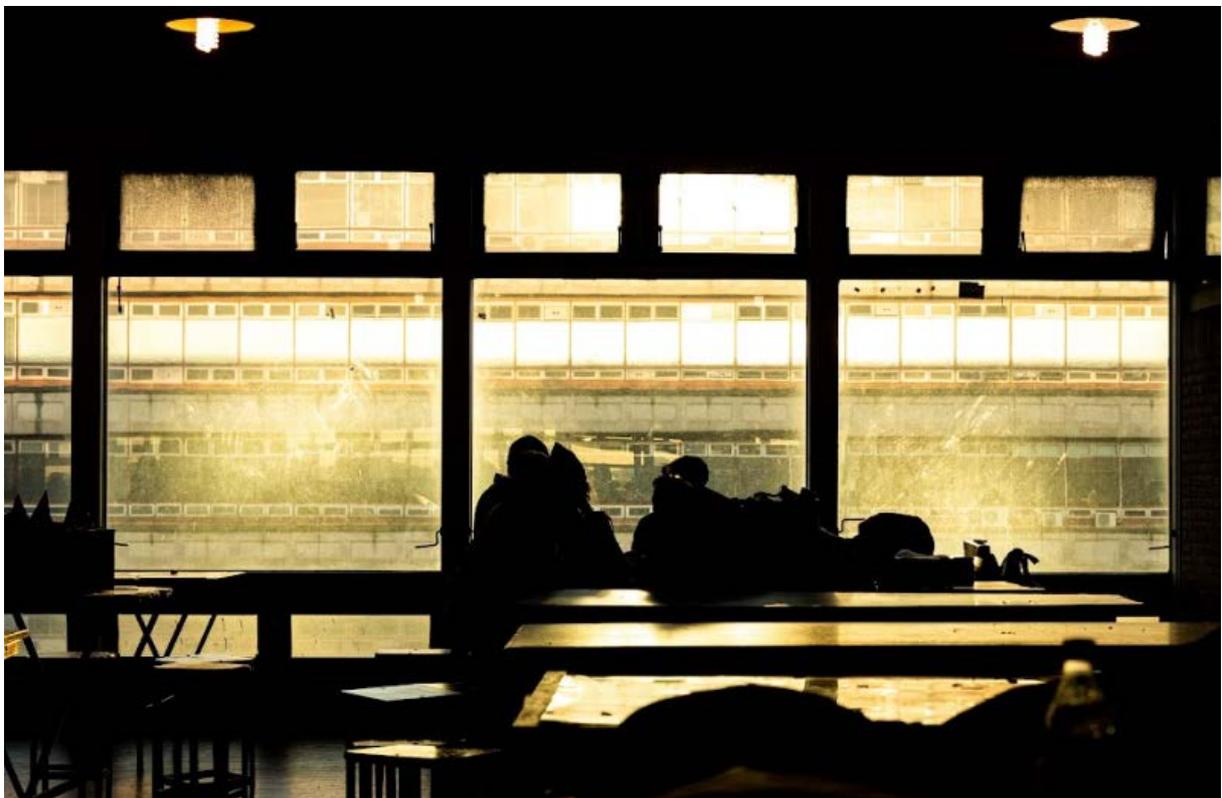
Estou em um momento de conhecer melhor a cidade, tudo é muito novo, já tenho uma rotina estabelecida porém não percorri muitos lugares para fotografar, vou trazer aqui alguns dos lugares que mais tenho frequentado, o Parque Rivadavia, em Caballito, bairro que resido, e também um pouco da minha faculdade, localizada na cidade universitária

, próxima ao rio. Decidi trazer essas fotos porque são elas as minhas primeiras relíquias fotográficas de Buenos Aires, são também as minhas memórias, para onde vou olhar, quando formado e me lembrar de tudo que passei para chegar ao meu objetivo.

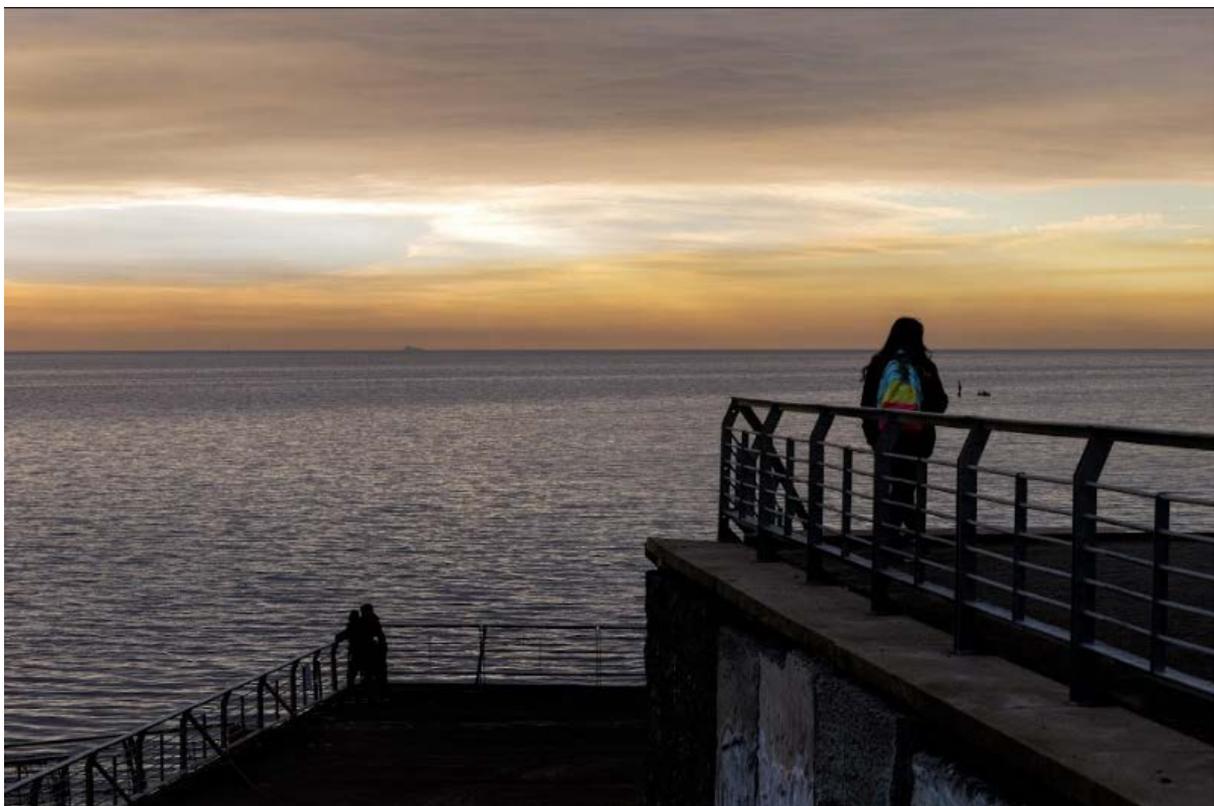
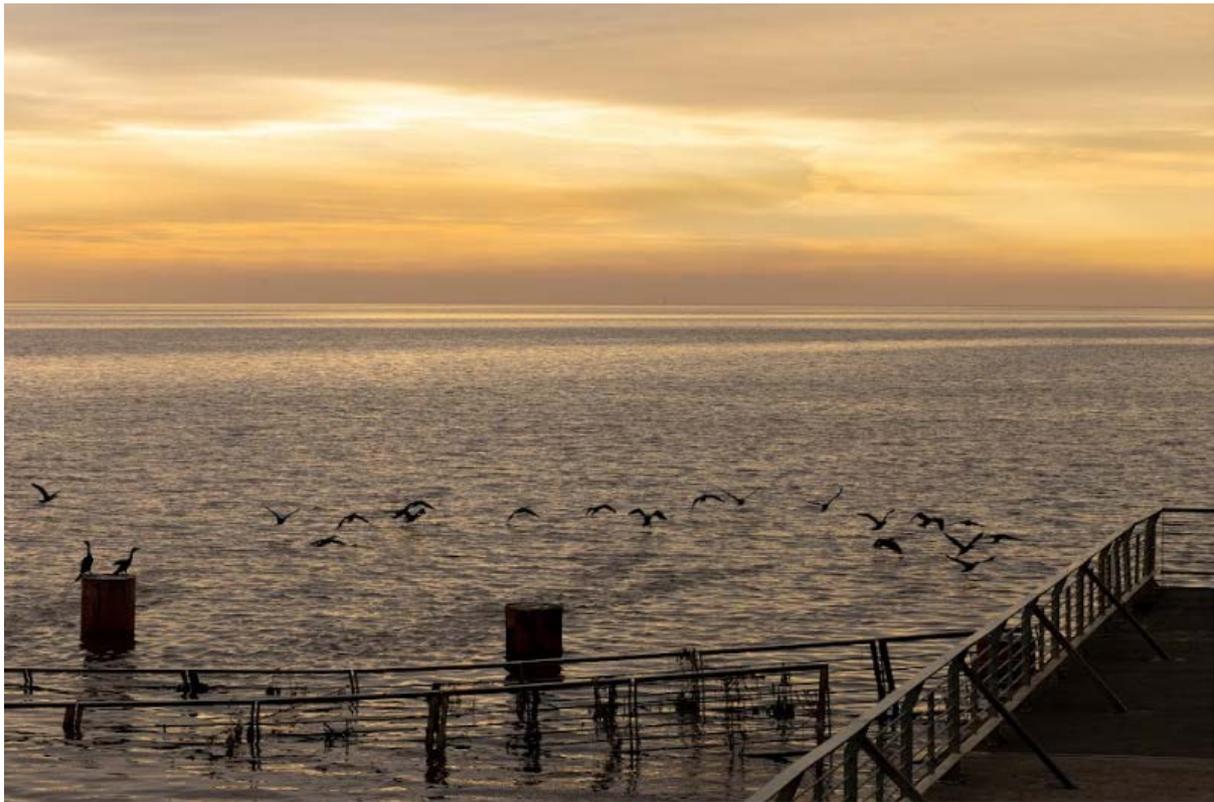
Traço minha carreira profissional todos os dias, conduzir minha carreira fotográfica com a carreira de arquiteto, meu objetivo é percorrer o mundo, ajudando as pessoas com a minha principal arma, o meu olhar. Sou também um apaixonado pelo meu país e por minha cidade, Brasília, local onde quero trabalhar e residir, poder ter aqui meu ateliê, meu estúdio e também um escritório de arquitetura. Bom, depois de me apresentar, vou deixar com vocês algumas das fotos que fiz por aqui. aviso também que essa minha nova coluna vai sempre trazer fotografias, por onde quer que eu esteja, quero trazer um pouco do que amo fazer, que é fotografar, aliada com o meu olhar para arquitetura e também trazer um pouco do meu olhar ao próximo.



Reserva Ecológica Costanera, e estátuas do Parque Rivadavia, "UM REFÚGIO PARA MIM". (Palavras do autor)



Fotografias na faculdade, em uma sala de aula, quando o sol refletia na janela e desenhava uma linda silhueta



Fotografias da Reserva Ecológica Costanera, localizada nas proximidades da FADU (Faculdade de Arquitectura, Diseño y Urbanismo).



● GUIA DO ARQUITETO VIAJANTE



Alexandre
Guerra

UTOPIA

“Quimérico, fruto da imaginação, não quer dizer que seja impossível. tudo o que existe hoje, já foi fruto da imaginação, e não é porque sonha-se com algo, que este não sairá do campo das ideias. Parei para refletir sobre descobrir espaços novos no ambiente urbano e realizei alguns registros fotográficos do que é viver em um espaço utópico que te convida, de forma extremamente sutil, a conhecê-lo.

A equivalência e simetria de Brasília são aspectos exaltadíssimos do projeto, mas, segundo teorias situacionistas nas quais eu pauto muitos dos meus repertórios de criação, e até mesmo valores morais, precisamos da descoberta do novo, algo que nos mova a buscar caminhos alternativos e, assim, desbravar o desconhecido. Mas, a forma rígida de seu traçado e a setorização de seus usos, acaba deixando essa busca meio vazia em relação à cidade como espaço e acontecimento, o que não deixa impossível, mas torna o processo de procura por novidades diferente.

Depois de ter dado termos técnicos a esse sentimento, passei a dar mais ênfase à busca à qual me referi, instaurei como meta: conhecer mais lugares na cidade, não só os óbvios, nem só os mais próximos de casa, mas ir além... explorar de verdade! E tenho sido recompensado desde então pela beleza de alguns momentos.

No semestre passado terminei a cadeia das matérias de Urbanismo e o meu trabalho final tratou exatamente de mobilidade no Distrito Federal como um todo, com todas as vias e tudo aquilo que a gente já sabe como funciona. Quis dar uma incrementada na mentalidade que tentei apresentar discorrendo sobre algumas intervenções a serem feitas, talvez daqui a uns 100 anos, quando o Plano Piloto começar a ter mais cara de Centro Histórico e outros modais de transporte forem amplamente aceitos como padrão, entre eles eu cito o transporte ciclovitário que é minha paixão.

Ultimamente eu tenho feito quase tudo de bicicleta, mas é bem comum eu encontrar alguns obstáculos (quase) intransponíveis, mas nada que subir na grama e partir para um caminho off-road não resolva, o problema é quando o único caminho é pelo meio de uma pista de fluxo rápido (80km/h) com seis faixas abarrotadas de veículos em alta velocidade (mas isso é num próximo capítulo. agora só coisa linda de ver!).

No processo de descoberta por entre essas quadronas enormes cheias de prédios que parecem iguais, tive que refinar minhas buscas algumas vezes, com o intuito de encontrar formas diferentes de se construir seguindo as Leis de Uso e Ocupação do Solo, e como as construções conseguem se diferenciar e tornar aquele espaço, ainda que parecido com outros, único.

A utopia de Brasília é, não só sua forma, mas seu funcionamento, mas mais utópico ainda é tornar esse espaço urbano atemporal, porque estamos vivendo um tempo de mudanças e a questão do transporte ainda é algo que data do passado, seguindo um projeto conservador de manter as coisas “como elas sempre foram”, mas se criamos coisas novas todos os dias, quando teremos usos novos para a cidade e seus espaços?

Por isso eu rompi o sedentarismo comum da forma como se utiliza o Plano Piloto convencionalmente, e convido para que também o façam!”

Aqui está uma galeria com alguns registros de andanças e descobertas sempre de bike!





Fotografias das andanças,
por Alexandre Guerra



● **GASTRONOMIA AFETIVA E HISTÓRICA**

NOSSA CULTURA

Juliana
Rampim**BRASÍLIA E AS FESTAS JUNINAS**

Iniciaram-se as comemorações de festas juninas – que eu, inocentemente, só fui aprender que não se referem a junho e sim a São João, do ciclo das festas Joaninas, aos vinte anos – após dois anos de isolamento social. Essa é uma das tradições mais queridas de Brasília. Embora muito celebradas no interior de São Paulo de onde venho, a quantidade de opções aqui me impressiona. Há festas em colégios, em igrejas, nas ruas (uma iniciativa muito interessante para Brasília, que muitas vezes parece avessa às ocupações livres e gratuitas dos espaços urbanos públicos).

Este ano as opções de festas ocupam todo o mês de junho, com eventos públicos e privados. É interessante pensar na alegada “falta de cultura” própria de Brasília, termo horrível e que causa arrepios em qualquer pesquisador da área das Ciências Humanas. Em outras edições apresentei os resultados de minha dissertação de mestrado sobre as feiras permanentes da cidade, onde é possível presenciar a vivacidade das culturas brasilienses, e elas contradizem consideravelmente essa ideia. Uma das identidades culturais brasilienses, acredito, sob a ótica do hibridismo cultural, é a alegria das pessoas com as festas juninas.

As comemorações costumam ser sempre cheias de pessoas, muitas vezes vestidas com roupas “típicas”, dançando, comendo e bebendo. Os espaços são preenchidos e acabam com a falsa impressão de que a cidade não é viva. Como qualquer outra cidade, Brasília pulsa e se transforma todos os dias. Ainda que de modo particular e estranho aos que, como eu, não nasceram aqui. A organização espacial apresenta peculiaridades que tornam difícil enxergá-la como pulsante. Todavia, quando converso com quem vive aqui há muito tempo, percebo os laços fortes criados entre pessoas e espaços, como em qualquer outro lugar, apenas com sua própria configuração.

Contudo, em junho a cidade adquire algumas das mesmas expressões coletivas similares às de outras cidades. As festas juninas ocupam os espaços com cores e aromas celebrando São João. As barraquinhas de comidas “típicas” incluem churrasquinhos, doces de milho e coco, maçãs do amor e quentão e vinho quente (para mim, o quentão é o que é feito com cachaça, mas já vi muita gente daqui chamando a bebida com vinho assim também, são as adaptações culturais). É impossível não ativar a pesquisadora que em mim habita, mesmo quando também aproveito esse momento. Toda a ideia de tipicidade e tradição é desconstruída ao vivo, quando presencio a diversidade de expressões culturais nesses espaços. Ideais de pureza cultural, de algum prato ser tratado como propriedade de determinado grupo ou estado geográfico (apresentei esses argumentos em edições passadas), todos são desmistificados enquanto observo o que ocorre ao meu redor. É difícil explicar o quanto presenciar as pessoas celebrando e comendo me emociona. E ainda bem, porque são nesses momentos que percebo que estou nos caminhos certos para meu coração.

Embora os tempos ainda estejam muito difíceis com os casos de Covid-19 aumentando, recomendo passar por alguma festa junina (de máscara apropriada!) para talvez levar algumas comidinhas para casa e sentir todo o afeto que elas proporcionam. Precisamos mais que nunca.



PARA OUVIR:
SÃO JOÃO (AO VIVO)
ANO: 2001
AUTOR: GILBERTO GIL

Dentre tantas receitas características e típicas das festas juninas, julinas e agostinas, escolhemos a CAJUÍNA, uma bebida tipicamente produzida no nordeste, e que, em tempo, acrescentou a cultura de outras regiões um gosto saboroso nas festanças.

CAJUÍNA

Ingredientes

- 4 litros de suco de caju
- 2,5 g de gelatina incolor
- Água para dissolver a gelatina

Preparo

- Misture a gelatina com água e leve ao fogo;
- Assim que ferver, jogue a mistura no suco de caju;
- Coe o suco com uma peneira de pano ou bem fina;
- Sem remover o bagaço, jogue o líquido novamente na peneira;
- Repita o processo até obter um líquido transparente;
- Coloque em uma garrafa e cozinhe em banho-maria por cerca de duas horas;
- Espere gelar e a bebida estará pronta para consumo.

BEBA BEM GELADO!



Receita - www.jornalnovaideia.com.br
Imagens - banco de dados para promoções e propagandas



Angelina
Quaglia

● **GASTROCITIES**
UM CURTO EU CONTO

**PÃO E ACESSIBILIDADE COMO
PERMISSÃO DE USO DOS ESPAÇOS**
A PADARIA QUE VOCÊ FREQUENTA, POSSUI ACESSIBILIDADE?

"Acima de tudo, não tema os momentos difíceis. O melhor vem deles"
(Rita Levi- Montalcini - médica neurologista, ganhadora do Nobel em 1986)

O pão está presente como alimento desde os primórdios da sociedade, representado por meio de pinturas, textos e receitas passadas de mão em mão, por gerações. Desde o tradicional pão romano, do delicioso Challah, pão judeu tradicionalmente feito pelas mães, tendo como segredo seu trançado de quatro pernas, até suas "mutações" (do pão) também tradicionais, como o indiano Chapati, o pão, é correto afirmar, é parte tradicional da alimentação humana, das tradições e da história. Para nós, brasileiros, o pão se faz presente desde o café da manhã, até a meia noite.

Farinha, sal, água e fermento, uma composição simples, uma alquimia, transformada pelas mãos das mães, sejam judias, ao fazerem seus pães de sábado, ou através das mamãs italianas, que dominam técnicas de panificação também passadas entre gerações, até as portuguesas, com suas heranças de "pão e vinho sobre a mesa", como diz o fado! Os portugueses, aliás, são por nós reconhecidos como bons padeiros. E, claro, não seria justo deixar para trás os franceses, seus deliciosos pães, e a histórica memória imagética de um (ou uma) ciclista, vestindo uma boina vermelha, camisa listrada em preto e branco, carregando uma bela baguete (Pain Égalité), embaixo do braço.

Pensando no pão, e em suas muitas variações culturais, peguei-me lembrando do imaginário formado

por todos nós, dentro do contexto do preparo e consumo desse alimento tão rico e tradicional. Vi-me a recordar sobre as múltiplas imagens que remontam a sua feitura, impregnadas de memórias, o que remeteu-me ao local mais tradicional de sua venda, as padarias.

Como suas cozinhas estão adaptadas? Costumeiramente há vitrines, bem arrumadas, dessas que namoramos caminhando pelas calçadas? O cheiro é o que nos guia, ou o visual? E a partir dessas minhas lembranças, pensei no acesso ao pão. O acesso a compra, abarcando os custos, e acesso ao espaço físico do local da compra do pão, a padaria.

Vivemos um período de crise em nossa sociedade, onde as vísceras expostas das falhas sociais e econômicas, acentuaram a miséria, e com ela, a fome. O pão deveria ser mais acessível, para todas as classes sociais. Pão alimenta!

Também vivemos um período de crise sobre os espaços de acesso nos ambientes da venda do pão. Sim, o local onde você compra seus pães, permitiria seu acesso por meio de cadeira de rodas, cão guia, muleta, dentre outras peculiaridades humanas de locomoção diferenciada? Se sim, está a frequentar um local gentil, se não, a provocação desse artigo vem a calhar. O foco de sua atenção, a partir dessa provocação, provavelmente tenderá a "girar! em torno



das padarias, sejam essas as tradicionais, de balcão e caixa, ou naquelas onde existem vitrines compostas por múltiplas ofertas, com mesas dispostas para que os clientes possam degustar as delícias receitas.

Existe no seu local favorito de consumo de pão um espaço de acesso, ou de "des-acesso"? Pergunto porque, caso não haja a permissão de acesso ao local passa a ser restritiva, e quando isso acontece é impossível que uma pessoa com pouca ou nenhuma mobilidade desfrute tanto quanto as que não apresentam nenhum problemas aparentes.

Sem que possam utilizar os espaços de compra e consumo do nosso velho e querido pãozinho, por estarem estes desprovidos de acessibilidade, como, por exemplo, rampas compostas por corrimão adequado, pisos antiderrapantes para os dias de chuva, espaço gentis entre as mesas, para que o cadeirante sinta-se confortável, ou uma boa iluminação, que permita ao usuário com baixa visão sentir-se seguro em pedir um pão com ameixas, sem confundir com passas, os locais de consumo podem ser considerados desumanos.

A essa altura a pergunta que não cala é, como podemos avaliar a acessibilidade das padarias que frequentamos? E a resposta é bem simples, coloque-se no lugar do outro, "vestindo" os sapatos dos outros. Assim, ao percebermos os espaços, não precisaremos ser um mestres/doutores em acessibilidade para compreender o que falta aos locais de acesso ao coletivos, sejam estes privados - áreas internas dos comércios-, ou públicos - calçadas e espaços externos de uso comum. Entretanto, cabe ressaltar que há profissionais capazes de corrigir as faltas destes lugares, permitindo que exista acessibilidade mesmo em ambientes pequenos.

Dentre tantos apontamentos feitos neste artigo, que nada mais é do que uma provocação a percepção de nossos leitores para os espaços que habitamos e frequentamos, é importante salientar que normas técnicas norteadoras, permitem que possamos criar, nós, arquitetos, espaços que estejam coerentes com o que chamamos de desenho universal, o que permitirá o transitar e permanecer nos espaços de uso de forma independente. Imaginem que situação desagradável, querer comprar um pãozinho numa boa padaria, e precisar que alguém te carregue para dentro, porque o degrau da entrada é um impedimento de passagem? Ou em locais onde existem rampas, estas mesmas tenham sido projetadas para atletas olímpicos, e não para cadeirantes "comuns"?

Eu estou envelhecendo, assim como grande parte da população mundial. Fico imaginando que, daqui a algum tempo, será difícil para mim subir até mesmo o degrau do meio-fio da rua, que sá o da entrada de uma padaria. Sejam justos, rampas, degraus e itens afins precisam ser pensados com gentileza, e não com ares forçados de suas existências, porém, sem usos efetivos. Saliento que não existe problema algum em receber ajuda para adentrar qualquer local que seja, porém, é mais prazeroso que possamos, nós mesmos, a realizar nossas escolhas, e tarefas. Concordam?

No Brasil a NBR9050 é a norma que auxilia na produção de espaços mais acessíveis, proporcionando uma melhor adaptação quanto ao uso dos lugares, sobretudo para que, auxiliados a parâmetros importantes, possamos ofertar espaços mais agradáveis ao uso.

Convido-os a verificarem as padarias e espaços de pão que frequentam, e nos contem sobre o que observarão. Sigo torcendo para que a grande maioria proporcione aos usuários momentos de satisfação sobre um consumo tão agradável, de um produto histórico em nossa humanidade, o famoso PÃO!

Até poque o prazer começa no acesso ao lugar, no caminhar até ele, olhar uma fachada convidativa, numa calçada sem defeitos, e permitir que entremos sem tropeços, nas padarias da vida, a fim de celebrar o pão, alimento que deveria pertencer às mesas, saciando a fome de tantos!



CHAPATI (PÃO INDIANO)

Ingredientes:

- 1 xícara de farinha de trigo integral
- 1 xícara de farinha de trigo
- 1/2 colher de sal
- 3/4 colher (chá) de água morna (ou até dar o ponto)
- 3 colheres de manteiga

Preparo:

1. Num redipiente, misture as farinhas e o sal;
2. Adicione a água, aos poucos até que a massa fique fofa;
3. Utilizando uma superfície lisa, polvilhe farinha de trigo e trabalhe a massa até que fique elástica;
4. Faça uma bola, reserve, cubra com pano úmido e deixe descansar por 30 minutos;
5. Polvilhe novamente a farinha na superfície lisa, e trabalhe com a massa dividida em quantas bolinhas quiser;
6. Abra as bolinhas em discos bem finos com rolo de macarrão;
7. Aqueça uma frigideira antiaderente e coloque os discos, uma vez de cada e cozinhe até que cresçam, aproximadamente 1 minuto. Vire-os e cozinhe até dourar;
8. Espalhe a manteiga em um dos discos dos lados o pão;
9. Coloque em um cestinha com um pano para mantê-los aquecidos até a hora de servir.



CHALLAH (PÃO JUDÁICO)

Ingredientes:

- 1 pacote de fermento seco biológico ou 1 colher (sopa)
- 1/2 xícara (chá) de açúcar
- 5 ovos
- 1/2 xícara (chá) de óleo
- 1/2 xícara (chá) de uvas-passas
- 9 xícaras (chá) de farinha de trigo
- 1 3/4 xícaras (chá) de água morna
- 1 pitada de sal
- Gergelim para polvilhar

Preparo:

1. Utilizando um refratário, coloque a água morna, o fermento e o açúcar. Misture com a mão ou com uma espátula;
2. Junte uma pitada de sal, quatro ovos (em temperatura ambiente) e o óleo.
3. Adicione a farinha aos poucos;
4. Coloque as uvas-passas quando a mistura estiver quase a ponto de soltar das mãos;
5. Deixe a massa crescer por cerca de uma hora em um recipiente untado com óleo;
6. Divida a massa em seis pedaços, molde-os e depois basta trançá-los;
7. Leve ao forno (180°C) por 30 minutos.

● SAÚDE E BEM ESTAR



Maria Helena
Costa

A MENSAGEM A GARCIA

Você nunca sabe que resultados virão da sua ação,
mas se você nunca fizer nada, não existirão resultados.
Mahatma Gandhi

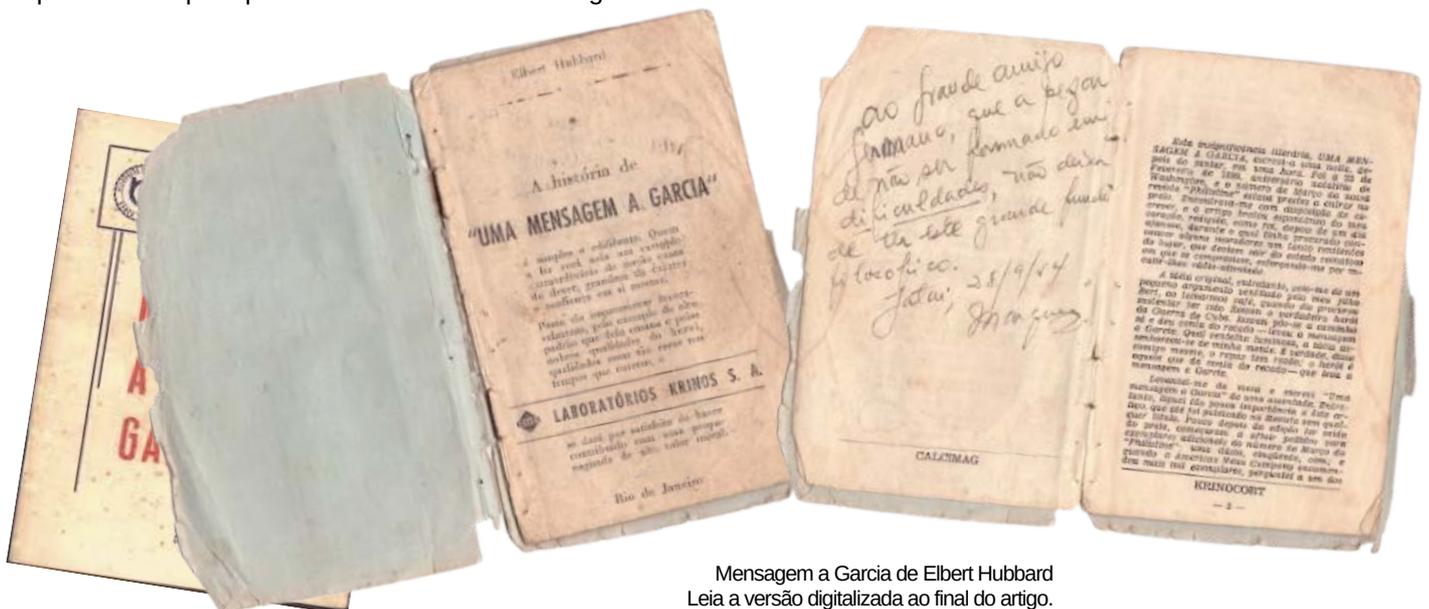
A essência do conhecimento é, ao tê-lo, aplicá-lo.
Confúcio

Você se sente realizado, pleno, capaz de superar os desafios que surgem? Você dá conta do recado? Recado que você escolhe ou que lhe é imposto? Você gostaria de ser melhor em caráter, escolhas, clareza, confiança na vida? Talvez ser eficiente, produtivo, sentir-se realizado e entusiasmado para outras conquistas? Talvez mesmo, sentir a superação que exercita?

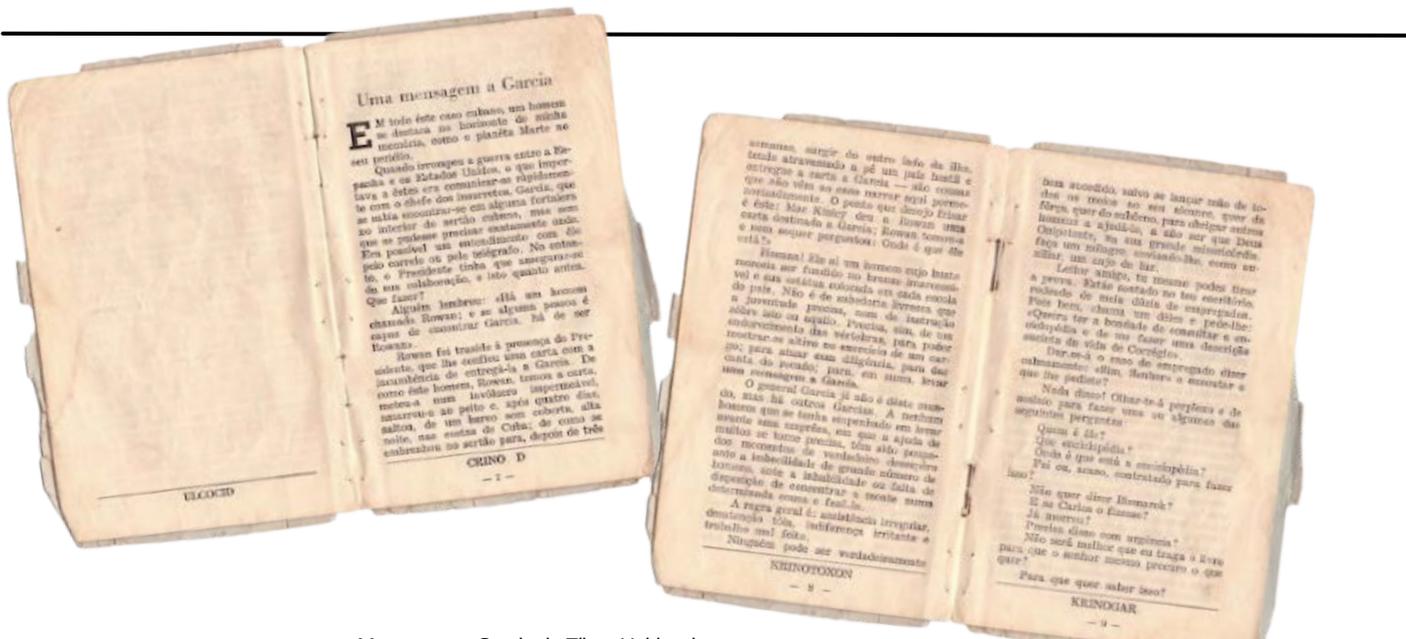
Para orientar este artigo e dele tirarmos o máximo proveito, nós seres humanos que buscamos evoluir e criar um mundo melhor, compartilho aqui a Mensagem a Garcia. Creio que os mais experientes a conhecerão e gostarão de recordá-la; e os mais jovens terão um bom exemplo que referenciará esta nossa exposição.

Você seria capaz de entregar uma mensagem a Garcia? Este é um relato sobre Rowan, um destemido e decidido ser, que tem como missão entregar uma mensagem ao líder revolucionário Garcia, durante a guerra entre a Espanha e Estados Unidos.

Esta história, me foi contada por meu pai diversas vezes e a tenho em um dos folhetos impressos publicados mundo afora, uma relíquia hoje. Na memória, sempre, sempre, a história, o comentário sobre a missão cumprida, a tarefa realizada, o desafio encarado e superado que ressurgem ao ver o livreto, marcado pelo tempo. Este, é reproduzido aqui. Apreciem a leitura antes de seguirmos.



Mensagem a Garcia de Elbert Hubbard
Leia a versão digitalizada ao final do artigo.



Mensagem a Garcia de Elbert Hubbard
Leia a versão digitalizada ao final do artigo.

Digo queridos leitores que dentro de nosso trabalho em Desenvolvimento Humano, tudo aqui expresso, é por nós identificado, referenciado por nossos clientes e trabalhado intensamente em práticas que, realmente trazem resultados.

Dentro do EU SER, os processos EU LIVRE, aplicados nas diversas turmas, nos surpreendem os resultados e em especial os depoimentos:

Fiz, em uma semana, o que não fiz em dois anos... Descobri que nunca vivi meus desejos, sempre os dos outros... Tinha muito medo de não ser aprovada e agora me sinto organizada, dominando meu tempo, produtiva e capaz... Achava que os picos e vales vividos por outros eram sempre muito mais leves e transitórios que os meus... Não me conhecia, me descobri a cada ferramenta... Estou feliz comigo, me abri a novo relacionamento... Decidi que construirei meu galpão, meu negócio depende de mim...

Assim observamos as pessoas viverem outras vidas, não as próprias. Percorrerem caminhos, que não as levam aonde desejam chegar. Profissionais que não finalizam suas tarefas, processos, conquistas. Procrastinadores experientes e, aptos a criarem uma imensa rede de justificativas e, tão bem nutrida que se torna crível, realimentada a cada dia, em terreno próprio, à instalação de crenças limitantes.

O planejamento é deixado de lado, então facilmente se perde o roteiro. Passam a agir em função do urgente e não mais do importante, se envolvem em distrações ao perder o foco do que é essencial.

Este desafio acontece também a líderes, que não têm clareza dos resultados almejados ou que desejam resultados maiores e mais significativos e então, ao desejarem tudo, abandonam o planejamento, se confundem e, influenciam todos que estão ao seu redor. A equipe fica sem líder, pois ele se perdeu no processo.

Ao sentir-se improdutivo, emoções diversas surgem, intensas por vezes e conduzem a distorções; os pensamentos e a expressão destes, podem passar a ter tendência à desqualificação, à generalização, à catastrofização e a leituras mentais tendenciosas, pelo próprio estado emocional que vai da ansiedade ao ciúme por vezes e, passa pela tristeza, solidão, medo, raiva, frustração, incapacidade... rapidamente estas emoções envolvem o físico e surge a

desmotivação para atividades físicas, convívio social, leitura, hábitos propulsores. Experimentam então o desânimo, desconfiança de si e então, o desafio vai se tornando maior.

Talvez, algumas destas frases surjam: Ele não podia ter dito isso; minha vida está desmoronando, meu trabalho... Eles não me respeitam mais... na próxima reunião eu vou acabar com ele; ela quer assumir o meu lugar... não aguento mais encontrar minha família e ouvir o que fulano fez...as pessoas fedem...não consigo estudar, evoluir, pareço presa acorrentada ao cais e meu barco quer partir...estou perdida...com os nervos em frangalhos...estou sem rumo...e cada pensamento tem um suporte sensorial por imagens, sensações expresso por linguagem apoiada na biologia, pelo vocabulário, expressões, adjetivos, verbos e são chamados de predicados na Biodecodificação.

Então já não existe mais o agora e o passado revisitado frequentemente traz os momentos de maior vulnerabilidade. E então o futuro se torna obscuro. E neste momento seria precioso respirar, limpar a mente e sermos cientes deste ponto:

Viva cada momento presente de maneira intensa,
e o futuro cuidará de si mesmo.
Aprecie plenamente a maravilha e a beleza de cada instante.
Paranchansa Yogananda.

O que poderá haver no momento de crise? A oportunidade de criar – criar o novo, mudar o processo, atualizar o planejamento, estabelecer novas estratégias, reunir a equipe e ouvir outras opiniões. Avaliar as culpas, as crenças e encontrar a sua origem, a situação ou a pessoa que a trouxe. Observar as consequências de tudo isso na vida, hoje. Se seguir assim, como será em 3 anos? Em 5? Em 10 anos?

O problema, seja ele qual for, será apenas um fato e, seus desdobramentos, a partir de estados emocionais e mentais, podem ser relevantes. Você se lembrará de outros momentos de desafio e, de atitudes e ações, que conduziram a soluções. É possível se reconciliar consigo mesmo e ter visão mais clara sobre todo o cenário que vai perder as cores do pessimismo.

Qual será a imagem que tem de si mesmo? É uma pessoa boa ou uma pessoa má? Conforme seus registros você poderá sair rapidamente do ressentimento, da sensação de não ser respeitado – pode inclusive nem passar por essas vibrações. O ambiente acolhedor, encorajador, benevolente leva a reações de tomada de consciência; se não se sentir respeitado, saberá pontuar, argumentar e acima de tudo, será ação positiva e superação rápida. Ao contrário, se as reações do ambiente forem confusas, surgirá a pessoa má em você e, é provável a não reação, a submissão.

Para onde caminhamos nesta reflexão? Para a importância de sermos essência, sermos quem somos e não o molde ou a vontade manifesta de alguém, pois isso não se sustentará. O caráter foi forjado, é o que se manifesta em você, em suas escolhas baseadas em valores que você comprovadamente viveu, praticou e estão estabelecidos. As suas habilidades e competências podem ser desenvolvidas, treinadas. Somos seres em constante evolução e nosso desafio será tanto maior quanto a crença de que nasci assim, vou morrer assim.

Nosso corpo se transforma a cada instante, tudo muda, evolui. Nossos sistemas, órgãos, células se transmutam, morrem e dão lugar a outras. Nossos mestres nos afirmam, que a vida é movimento e que nada está estático. E hoje somos melhores do que ontem e amanhã, seremos melhores do que hoje.

O desafio está na estagnação. Está em confundir, quem somos verdadeiramente, com as relações que temos, com os momentos vividos de desconforto e, os resultados configurados.

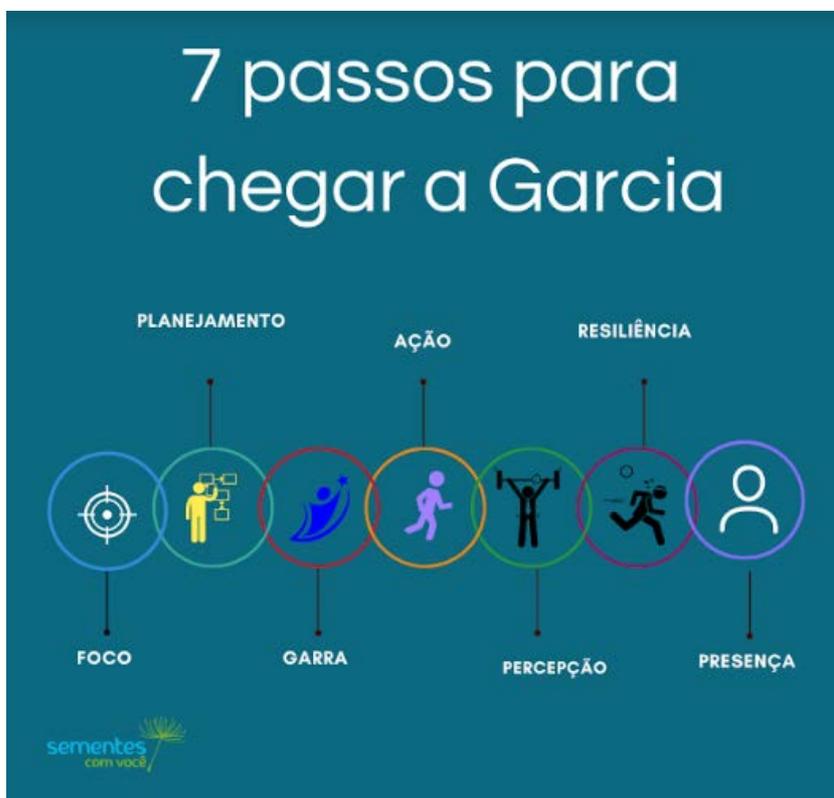
Está em nos ocuparmos com as opiniões alheias, baseadas nas experiências de cada um e, nos perdermos em buscas, esquecermos nossa identidade ao buscarmos seguir modelos, que não cabem em nós. Esquecermo-nos da nossa voz interior, a nossa intuição que sabem o que desejamos nos tornar...

Não deixe o barulho da opinião dos outros abafar sua voz interior.
E mais importante, tenha a coragem de seguir seu coração e sua intuição.
Eles de alguma forma já sabem o que você realmente quer se tornar.
Tudo o mais é secundário.
Steve Jobs

desmotivação para atividades físicas, convívio social, leitura, hábitos propulsores. Experimentam então o desânimo, desconfiança de si e então, o desafio vai se tornando maior.

E encerramos com imagem referente a passos que podemos desenvolver em busca de nossa própria eficiência, performance, resultados, conquistas; em missão decisiva de entregar nossa carta a Garcia. De realizarmos o que desejamos de forma clara, precisa para alcançarmos os resultados que desejamos, para nos envolvermos em autorreconhecimento, nos permitirmos celebrar quem realmente somos.

Se não sabe você sobre isso, tempo de agir e se empenhar nessa busca e vivência. O prêmio será seu, ao chegar a Garcia.



Sete passos para chegar a Garcia
Fonte: Sementes com você

Aqui desenhamos passos para se chegar a Garcia, para alcançar objetivos sejam eles pessoais ou profissionais. O 1o passo seria o **foco** – saber exatamente o que se deseja – testes de avaliação podem confirmar o que é primordial, o que é realmente a meta primeira. Então virá o **planejamento** de cada passo dado e os respectivos prazos para se alcançar cada um. A **garra** renovada a cada momento impulsionará à **ação**, precisa. Determinada. A prática da **percepção** para se avaliar o trajeto percorrido, a correção de rota, ajustes que tenham que ser realizados, acompanhados por referências se possível com métricas, por exemplo: se estudo com determinado objetivo, ao final do prazo estabelecido para determinado tema, o que consegui efetivamente aprender? Podem ser feitos testes, avaliação de conhecimento. **Resiliência** para aceitar o resultado e corrigir a rota se necessário for, para a adaptação ao cenário presente e futuro. **Presença** – a consciência do momento que se vive, o ser no aqui e agora, o momento único que temos para sermos, criarmos, realizarmos, transformarmos, vibrarmos, vivermos, agradecermos.

Seguiria você esses passos? Seriam úteis para pautar as mensagens que você deve se entregar? Entregar a outros? Se considerou interessante e útil este nosso encontro, compartilhe com outros, troque ideias e seja agente de transformação no mundo que o envolve! Conte conosco para caminhar junto a você caso deseje esse apoio e acompanhamento. Conte com o EU SER e todos os processos, que planejados, atendem às necessidades de cada um.

Gratidão e excelentes descobertas aqui na 15.47 – criada para você!

Bibliografia:

HILL, Napoleon; STONE, W. Clement. Atitude Mental Positiva. Porto Alegre, 2015.
HUBBARD, Elbert. Uma Mensagem a Garcia. Laboratórios Krinos S.A. Rio de Janeiro.
JOHNSON, Spencer. Picos e Vales. 11a edição. Rio de Janeiro: Best Seller, 2022.
TOLLE, Eckhart. O Poder do Agora. 6a Edição. Ed Sextante. 2002.

Maria Helena Costa, é empenho do desenvolvimento humano. Pessoas! Estas formam times e empresas. Acredita que qualquer processo de desenvolvimento específico deve se basear no despontar de cada ser – conhecer seus talentos, desenvolver habilidades e competências para resultados significativos. O desenvolvimento Pessoal é base para qualquer processo profissional e com ferramentas e técnicas comprovadas cientificamente, os resultados se tornam tangíveis e reconhecidos. Impulsionam a passos maiores e o impossível se torna o alcançado.

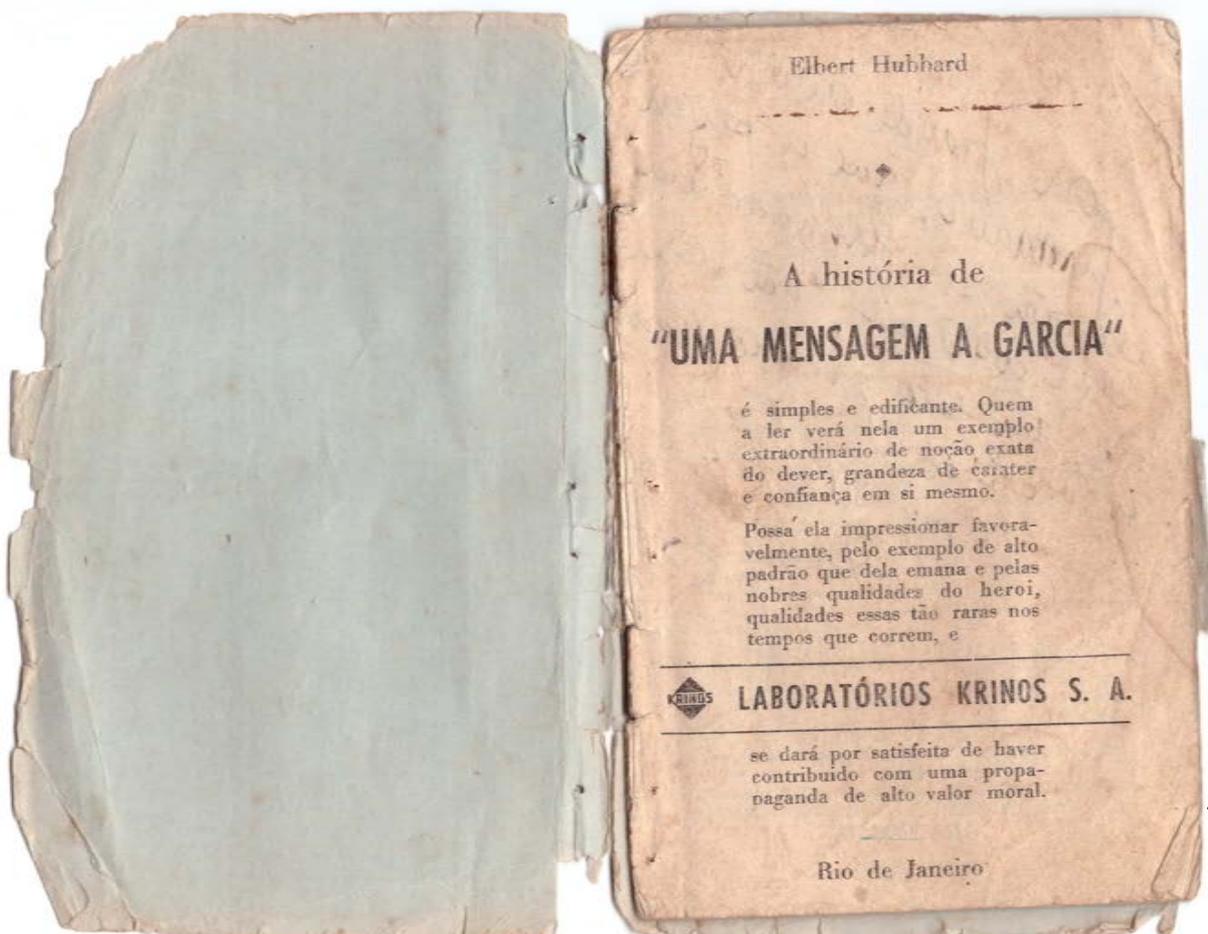
Mestre em Arquiteta e Urbanismo.

Executivo, Carreira, Personal e Positive Coaching.

Psicobioterapeuta (em formação) na Escola Francesa de Biodecodificação e praticante desta técnica.

Cocriadora da EU SER com Érica Borgonovi com desenvolvimento do EU LIVRE, EU MAIOR e diversos outros processos fomentadores do EU, como base para qualificação em relacionamentos pessoais, profissionais, liderança, performance, negócios. Fomentadores de parcerias com Instituições de Ensino para a formação de profissionais capazes e confiantes.

Cocriadora do Lab Evolução (antigo Carreira e Sucesso) – o desenvolvimento profissional, empresarial, empreendedor.



Mensagem a Garcia
Elbert Hubbard

ao fraude amigo
 Inácio, que a pesar
 de não ser formado em
 dificuldades, não deixa
 de ter este grande funcho
 filosófico.
 Jatai, 28/9/14
 Mangue

CALCIMAG

Esta insignificância literária, **UMA MEN-
 SAGEM A GARCIA**, escrevi-a uma noite, de-
 pois do jantar, em uma hora. Foi a 22 de
 Fevereiro de 1899, aniversário natalício de
 Washington, e o número de Março da nossa
 revista "Philistine" estava prestes a entrar no
 prelo. Encontrava-me com disposição de es-
 crever, e o artigo brotou espontâneo do meu
 coração, redigido, como foi, depois de um dia
 afanoso, durante o qual tinha procurado con-
 vencer alguns moradores um tanto renitentes
 do lugar, que deviam sair do estado comatoso
 em que se compraziam, esforçando-me por in-
 cutir-lhes rádio-atividade.

A idéia original, entretanto, veio-me de um
 pequeno argumento ventilado pelo meu filho
 Bert, ao tomarmos café, quando ele procurou
 sustentar ter sido Rowan o verdadeiro herói
 da Guerra de Cuba. Rowan pôs-se a caminho
 só e deu conta do recado — levou a mensagem
 a Garcia. Qual centelha luminosa, a idéia as-
 senhoreou-se de minha mente. É verdade, disse
 comigo mesmo, o rapaz tem razão; o herói é
 aquele que dá conta do recado — que leva a
 mensagem a Garcia.

Levantei-me da mesa e escrevi "Uma
 mensagem a Garcia" de uma assentada. Entre-
 tanto, ligueti tão pouca importância a este ar-
 tigo, que até foi publicado na Revista sem qual-
 quer título. Pouco depois da edição ter saído
 do prelo, começaram a afluir pedidos para
 exemplares adicionais do número de Março do
 "Philistine": uma dúzia, cinquenta, cem; e
 quando a American News Company encomen-
 dou mais mil exemplares, perguntei a um dos

KRINOCORT

- 3 -

Uma mensagem a Garcia

EM todo este caso cubano, um homem
 se destaca no horizonte de minha
 memória, como o planeta Marte no
 seu periélio.

Quando irrompeu a guerra entre a Es-
 panha e os Estados Unidos, o que impor-
 tava a estes era comunicar-se rápidamen-
 te com o chefe dos insurretos, Garcia, que
 se sabia encontrar-se em alguma fortaleza
 no interior do sertão cubano, mas sem
 que se pudesse precisar exatamente onde.
 Era possível um entendimento com êle
 pelo correio ou pelo telégrafo. No entan-
 to, o Presidente tinha que assegurar-se
 da sua colaboração, e isto quanto antes.
 Que fazer?

Alguém lembrou: «Há um homem
 chamado Rowan; e se alguma pessoa é
 capaz de encontrar Garcia, há de ser
 Rowan».

Rowan foi trazido à presença do Pre-
 sidente, que lhe confiou uma carta com a
 incumbência de entregá-la a Garcia. De
 como este homem, Rowan, tomou a carta,
 meteu-a num invólucro impermeável,
 amarrou-a ao peito e, após quatro dias,
 saltou, de um barco sem coberta, alta
 noite, nas costas de Cuba; de como se
 embrenhou no sertão para, depois de três

ULCOCID

KRINO D

- 7 -

Mensagem a Garcia
 Elbert Hubbard

semanas, surgir do outro lado da ilha, tendo atravessado a pé um país hostil e entregue a carta a Garcia — são cousas que não vêm ao caso narrar aqui pormenorizadamente. O ponto que desejo frisar é este: Mac Kinley deu a Rowan uma carta destinada a Garcia; Rowan tomou-a e nem sequer perguntou: Onde é que elle está?»

Hosana! Eis aí um homem cujo busto merecia ser fundido no bronze imarcessível e sua estátua colocada em cada escola do país. Não é de sabedoria livresca que a juventude precisa, nem de instrução sôbre isto ou aquilo. Precisa, sim, de um endurecimento das vértebras, para poder mostrar-se altivo no exercício de um cargo; para atuar com diligência, para dar conta do recado; para, em suma, levar uma mensagem a Garcia.

O general Garcia já não é dêste mundo, mas há outros Garcias. A nenhum homem que se tenha empenhado em levar avante uma empresa, em que a ajuda de muitos se torne precisa, têm sido poupados momentos de verdadeiro desespero ante a imbecilidade de grande número de homens, ante a inhabilidade ou falta de disposição de concentrar a mente numa determinada cousa e fazê-la.

A regra geral é: assistência irregular, desatenção tôla, indiferença irritante e trabalho mal feito.

Ninguém pode ser verdadeiramente

KRINOTOXON

— 8 —

bem sucedido, salvo se lançar mão de todos os meios ao seu alcance, quer da força, quer do suborno, para obrigar outros homens a ajudá-lo, a não ser que Deus Onipotente, na sua grande misericórdia, faça um milagre, enviando-lhe, como auxiliar, um anjo de luz.

Leitor amigo, tu mesmo podes tirar a prova. Estás sentado no teu escritório, rodeado de meia dúzia de empregados. Pois bem, chama um deles e pede-lhe: «Queira ter a bondade de consultar a enciclopédia e de me fazer uma descrição sucinta da vida de Corrégio».

Dar-se-á o caso do empregado dizer calmamente: «Sim, Senhor» e executar o que lhe pediste?

Nada disso! Olhar-te-á perplexo e de soslaio para fazer uma ou algumas das seguintes perguntas:

Quem é elle?

Que enciclopédia?

Onde é que está a enciclopédia?

Fui eu, acaso, contratado para fazer isso?

Não quer dizer Bismarck?

E se Carlos o fizesse?

Já morreu?

Precisa disso com urgência?

Não será melhor que eu traga o livro para que o senhor mesmo procure o que quer?

Para que quer saber isso?

KRINGAR

— 9 —

que se mostra incapaz de zelar pelos seus interesses, afim de substituí-lo por outro mais apto. Este processo de seleção por eliminação está se operando incessantemente, em tempos adversos, com a única diferença que, quando os tempos são maus e o trabalho escasseia, a seleção se faz mais escrupulosamente, pondo-se fora, para sempre, os incompetentes e os inaproveitáveis. É a lei da sobrevivência do mais apto. Cada patrão, no seu próprio interesse, trata somente de guardar os melhores — aquêles que podem levar uma mensagem a Garcia.

Conheço um homem de aptidões realmente brilhantes, mas sem fibra precisa para gerir um negócio próprio e que ademais se torna completamente inútil para qualquer outra pessoa, devido à suspeita insana que constantemente abriga de que seu patrão o esteja oprimindo ou tencione oprimi-lo. Sem poder mandar, não tolera que alguém o mande. Se lhe fôsse confiada uma mensagem a Garcia, retrucaria provavelmente: «Leve-a você mesmo».

Hoje este homem perambula errante pelas ruas em busca de trabalho, em quase petição de miséria. No entanto, ninguém que o conheça se aventura a dar-lhe trabalho porque é a personificação do descontentamento e do espírito de réplica. Refratário a qualquer conselho ou admoestação, a única cousa capaz de nele produzir

ANEURINA

— 12 —

algum efeito seria um bom pontapé dado com a ponta de uma bota de número 42, sola grossa e bico largo.

Sei, não resta dúvida, que um indivíduo moralmente aleijado como este, não é menos digno de compaixão que um fisicamente aleijado. Entretanto, nesta demonstração de compaixão, vertamos também uma lágrima pelos homens que se esforçam por levar avante uma grande empresa, cujas horas de trabalho não estão limitadas pelo som do apito e cujos cabelos ficam prematuramente encanecidos na incessante luta em que estão empenhados contra a indiferença desdenhosa, contra a imbecilidade crassa e a ingratidão atroz, justamente daqueles que, sem o seu espírito empreendedor, andariam famintos e sem lar.

Dar-se-á o caso de eu ter pintado a situação em côres demasiado carregadas? Pode ser que sim; mas quando todo mundo se apraz em divagações, quero lançar uma palavra de simpatia ao homem que imprime êxito a um empreendimento, ao homem que, a despeito de uma porção de impedições, sabe dirigir e coordenar os esforços de outros, e que, após o triunfo, talvez verifique que nada ganhou; nada, salvo a sua mera subsistência.

Também eu carreguei marmitas e trabalhei como jornaleiro, como, também tenho sido patrão. Sei, portanto, que al-

KRINO C

— 13 —

Mensagem a Garcia
Elbert Hubbard

● FILOSOFANDO



Eduardo
Oyakawa

SAUDADES

Sinto saudades de muitas pessoas que fizeram parte da minha vida, mas desapareceram sem dizer adeus, olvidadas nos desertos de mistério que são o destino dos homens, prisioneiros deste gotejar infinito que enreda o tempo de nossas existências.

Sinto saudades de quando era pequenino, assistindo as series da TV que davam a sensação de que havia outros mundos para conhecer e desfrutar muito além da difícil realidade de meus dias, muito aquém, entretanto, da minha capacidade de sonhar.

Sinto saudades da perua kombi levando os garotos alegres e arteiros para a academia de judô, flutuando pelas ruas daquela São Paulo encantada, onde se podia empinar pipa na rua e jogar futebol nos campinhos descortinados entre as casas suburbanas.

Sinto saudades da minha solidão, dependurado sobre o muro para observar por horas a fio, os enormes tratores que começavam a asfaltar os caminhos de terra onde eu morava; até hoje, sinto até o mais dolorido da alma, o cheiro da chuva molhada e do piche misturados à chegada avermelhada da tarde.

Sinto saudades do primeiro beijo, mal sabia eu que seria o melhor de toda a minha vida. Meu Senhor, o que fazer com o desejo arrebatador e indócil que dilacera os meninos de 13 anos, fazendo-os escravos inconscientes do prazer?

Sinto saudades das emoções ingênuas e românticas que tinha aos 19 anos, quando o vento vindo do sul invadia as noites agitadas e quentes. Como era bom sentir o perfume da namorada impregnando a jaqueta jeans e o gosto na boca, doce e voraz, daquela língua mulher, especiosa e molhada.

Sinto grandes saudades de vozes que nunca mais ouvi: da tia Ivone, do Ottaviano, do Nelson e de tanta gente amiga dormindo agora nas recorrentes imagens da memória, onde a ressurreição se faz acontecer em carne, espírito e pungente amor.

Sinto melancolicamente saudades de Deus. Por que me abandonaste e aos meninos solitários diante da TV? Mas, sobre Ele aprendi algo essencial: Deus só pode estar presente se ocultando; é da sua natureza mais íntima fazer-nos amá-Lo no grande vazio do peito.



● PSICOLOGIA
NOSSA CULTURA



Alencar
Araripe

SÃO JOÃO, FOGO E TRANSFORMAÇÃO

INRI - IGNE NATURA RENOVATUR INTEGRA (É PELO FOGO QUE A NATUREZA SE RENOVA)

As comemorações do São João pode simbolizar a transformação pelo fogo já que as festas sempre acontece em torno das fogueiras. Sem dúvida estes festejos e sua relação com o campo ou seja o rural, fazem referência a um certo contato com os ancestrais.

Psicologicamente o retorno às origens nos possibilita uma volta a história de cada um e a pontos que quiçá ainda não estejam devidamente elaborados. Esta volta simbólica ao passado permite o contato sentimentos, emoções já vivenciadas em épocas de um passado longínquos.

A cultura popular, nestas oportunidades despertam uma sensação nostálgica que vai levar a percepção de traços de identidade de determinado povo. Essas memórias vão estar na formação da própria personalidade já que possibilitam a oportunidade da resignificação das lembranças ampliando a compreensão da própria história. Ao contatar com suas raízes vai possibilitar uma tomada de consciência de material subjetivo e emocional que estarão nos alicerces da estrutura psicológica.

Neste ponto percebe-se o simbolismo do fogo na noite de São João. É do nosso conhecimento que esta data possibilita a um grande contingente populacional empreender uma volta a sua terra natal em particular ao interior, possibilitando o reencontro com a família e porque não a própria ancestralidade.



"A cage went in search of a bird"
Etching, 2010, Rosie Chodosh

Nesta noite, em homenagem a São João as famílias nas pequenas cidades acendem fogueiras em frente de suas casas e recebem amigos; familiares e visitantes, para confraternizarem em volta da fogueira. É importantíssimo o simbolismo deste encontro em torno do fogo com grande significado psicológico, cultura e social já que nessas oportunidades as emoções e sentimentos gerados podem ser literalmente queimados nesta grande fogueira.

A possibilidade de transformação proporcionada por esses laços de união com o passado e a história de cada é capaz de gerar mudanças profundas tanto individual como social. A simbologia e ritualística místico-religiosa por intermédio deste importante símbolo, o fogo, vem alimentando a vida espiritual do brasileiro em especial do povo Nordestino. Se faz necessário dizer que isto, isto também pode permitir uma interiorização mais profunda que nos leva ao contato com materiais do inconsciente coletivo os quais C.G. Jung denominou de arquetípicos.

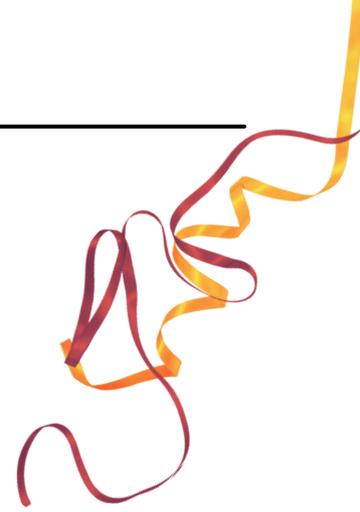
Brasília, 24 de maio de 2022



Luciana
Azevedo
Jézer
Junior

● BRASÍLIA EM ORAÇÃO

FESTEJOS JUNINOS



O mês de junho é um período de festas, danças e comilanças por ocasião das festas juninas, tendo por base as festas litúrgicas realizadas pela Igreja Católica em memória a Santo Antônio, São João Batista e São Pedro. O começo da festa junina no Brasil remonta ao século XVI, cujas festas eram tradições bastante populares em Portugal e na Espanha, e foram trazidas para o Brasil pelos portugueses durante a colonização.

Para a Igreja Católica, a festividade da memória desses santos é importante para relembrar a vida religiosa que tiveram e não pelas lendas e crendices que giram em torno deles nas comemorações.

O primeiro a ser lembrado é Santo Antônio, cuja festa é celebrada em 11 de junho. Foi atribuída a ele a fama de casamenteiro devido à sua pregação em defesa do matrimônio. Conta a lenda que o “santo casamenteiro” surgiu exatamente em um ato de solidariedade para com uma jovem que queria casar, mas era pobre e não tinha dotes a oferecer. Então, Santo Antônio lhe deu certa quantia e ela conseguiu um pretendente. No entanto, cumpre lembrar que Santo Antônio era franciscano, e como tal, fazia voto de pobreza e vivia da caridade, não possuindo bens.

Em seguida, dia 24, é celebrada a memória de São João Batista, sendo ele o “santo festeiro” do mês, cujas festas conhecidas popularmente se devem aos festejos de São João, cujas comemorações são marcadas por danças e pratos típicos do interior brasileiro, notadamente do Nordeste. Entre os costumes católicos, a festa junina é marcada pelo levantamento do mastro de São João – conhecido em Portugal como o mastro dos Santos Populares – que é erguido durante a festa junina para celebrar os três santos do mês.

No Brasil, no topo de cada mastro, são amarradas, em geral, três bandeirinhas simbolizando os santos: Antônio, João Batista e Pedro. Daí surgiram as bandeirolas, pequenas e coloridas, para alegrar o ambiente da festa em memória aos santos festejados.

E as festividades do mês são encerradas no dia 29, com a comemoração do dia dedicado a São Pedro, discípulo de Jesus, a quem foram dada as “chaves” do céu e sobre quem Jesus edificou a Sua Igreja (cf. Mt 16,18-19).

Conforme a tradição brasileira, o dia de São Pedro é comemorado com fogueira, fogos de artifício, comidas típicas, quadrilha, balões e os demais componentes das festas juninas, assim como acontece no dia de São João. A tradição dos balões tem origem no passado, quando era costume soltar balões no começo de junho para avisar a comunidade de que as festas iam começar.

O município de Fagundes, distante 120 km de João Pessoa/PB, realiza todos os anos a tradicional festa de Santo Antônio na Pedra de Santo Antônio, principal ponto turístico da cidade, cuja importância se deve à história de que dois escravos acharam em um matacão granítico, nas proximidades do município, uma estátua de Santo Antônio, que foi levada para a igreja local. Um tempo depois, a imagem sumiu da paróquia sendo encontrada novamente no matacão, fato esse que se repetiu por mais duas vezes, o que atribuído como um milagre. A partir daí o matacão ganhou o nome de Pedra de Santo Antônio, passando a ser local de fé, tradição e peregrinação, atraindo milhares de turistas todos os anos.

No Distrito Federal há a popular festa de São João do Boi do Seu Teodoro, um movimento cultural consolidado de legítima referência cultural do Distrito Federal, realizado no dia 23 de junho no Centro de Tradições Populares Boi do Seu Teodoro, em Sobradinho. Tal evento está registrado no Livro de Registro das Celebrações da Secretaria de Estado de Cultura por meio do Decreto n. 24.797, de 15.07.2004, publicado no DODF n. 135, de 16.07.2004, página 7. O Boi do Seu Teodoro é um grupo de bumba-meu-boi, com tradições do Maranhão, que migrou para Brasília à época da construção da nova capital, em 1963, e continua em atividade até hoje.

Em Brasília, após dois anos de implementação de medidas de controle pandêmico da covid-19, em diversas paróquias, faculdades, escolas, clubes, comunidades, e até no Parque da Cidade Sara Kubitschek, estarão sendo realizados os tão esperados arraiais juninos, uma tradição que adentra até a primeira quinzena do mês de julho.



Imagens extraídas do site
Brasília memória & invenção

● CRÔNICAS



Ellaine
Toledo

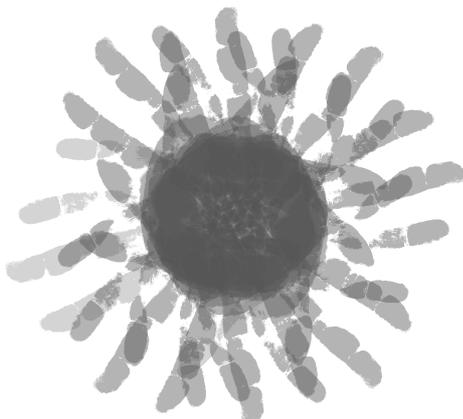
A SURPREENDENTE VERDADE QUE NUNCA TE CONTARAM!

Você não precisa ser o Batman, basta ser o **HOMEM!** Responsável por suas inquietudes, frustrações, consciente de suas escolhas e com domínio de suas ações, sem culpar, punir ou julgar uma mulher! Como você pode ver, vai além de colocar ordem em Gotham City, é colocar ordem em você!

É desnecessário usar uma identidade secreta ou jurar vingança contra os criminosos, basta ser justo com as pessoas à sua volta, afinal de contas, não precisa ter super poderes para respeitar uma mulher!

É desnecessário agredir e vale lembrar, estão previstos cinco tipos de violência contra a mulher: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial e qualquer uma delas constitui ato de violação dos direitos humanos, é crime!

Não precisa ser o Batman, mas como ele, é interessante em primeiro lugar usar o intelecto e mudar essa mentalidade patriarcal que banaliza e promove a violência, e não menos importante, usar a destreza física e habilidades para combater os piores vilões da vida real: os rótulos e preconceitos.



Esqueça os seus aliados, o mordomo Alfred, o comissário de polícia Jim Gordon e o Robin, desta vez, eles não poderão ajudar ou “meter a colher”, essa história é sobre você, **HOMEM!**

Homem respeita, admira, protege, cuida, ama e honra a mulher que está ao seu lado, ser homem é mais que ser o Batman, é real! Ser homem não é sinônimo de agressividade, ao contrário, a sociedade já não comporta a masculinidade tóxica.

Uma mulher não admira qualquer homem... quando você tiver a verdadeira admiração de uma mulher você sentirá que é sublime, divino, mágico... é poder! Não destrua esse sentimento, construa! Abrace forte a mulher que está ao seu lado, valorize.

Não! Você não precisa ser o bilionário e magnata de negócios Bruce Wayne, despreocupado e irresponsável ou colocar um uniforme e máscara de morcego, assumindo uma personalidade fria, determinada e implacável, Batman. Basta ser o homem! Acredite, o super-herói da vida real é aquele que respeita.

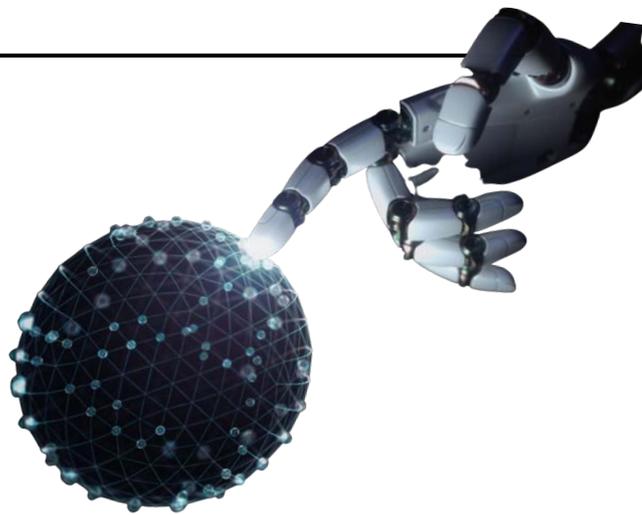
Seja homem, brilhe e deixe brilhar!

Sucesso!

● CRÔNICA

MARTA
SIMONE

NÃO SOMOS OS MESMOS



Não, não somos os mesmos. Acordamos todos os dias pela manhã, escovamos os dentes e seguimos a Vida... às vezes na vã tentativa de achá-la outra vez como um dia fora sido. Doce ilusão. Por mais que tentemos nos convencer de que “as coisas não mudaram tanto assim...” Mudaram. Mudaram por Fora. Mudaram por Dentro. Embalagem e Conteúdo mexidos e remexidos em uma só tacada como nenhuma “Mega Agência de Publicidade” teria capacidade para fazer! Mesmo aqueles cujo contato com a “Vida Interna” era praticamente nula, foram “obrigados” a olharem para dentro de si. Aliás, 2020 foi o ano do “DENTRO” – Dentro de casa. Dentro da Tela do computador. Dentro da Tela do Celular. Dentro de Nós. É...não podemos mesmo reclamar que não estamos por “dentro da Vida”...rsrs permitam-me uma breve pausa para o Humor. Sou daquelas que concordam que o Humor e o Amor salvam! Um pouco de leveza e uma lufada de ar fresco para falar das coisas sérias da Vida é sempre uma boa opção.

Mas, vamos lá! 2020 – o ano da pandemia – foi, sem dúvida, um dos anos mais desafiadores da história da humanidade (bom, e aqui no Brasil...mais ainda!). E o grande desafio continua em 2021, 2022 e anos seguintes! Não tivemos que repensar apenas um aspecto das nossas vidas, mas sim TODOS os aspectos.

Chegou como um TSUNAMI em forma de vírus, e espalhou todas as emoções humanas de uma só vez, como uma bomba que explode e a gente vai tentando sair pelos escombros vendo o que restou...Terror. Pavor. Medo. Tristeza. Silêncio. Amor. Cuidado. Proteção. Compaixão. Pequenas Alegrias Cotidianas. Silêncio. A palavra de ordem é “SOBREVIVÊNCIA” – uma luta “moderna” pela Sobrevivência que inclui itens como “máscaras”, “álcool”, “luvas”, “distanciamento”, e, finalmente, “vacinas”.

Em 2020, nunca estivemos tão distantes fisicamente de familiares e amigos, mas, por outro lado, tão próximos e íntimos de nós mesmos – frente a frente com nossos “dragões” internos, tivemos que enfrentá-los com a CORAGEM que nasce das sombras, com a FORÇA que surge de forma inesperada, das adversidades, e com a necessária PACIÊNCIA que se “instalou” independente da nossa vontade. Tivemos que aprender o valor da ESPERA.

Não, não somos os mesmos. A VIDA que brotou naquele ano teve cor e cheiro de ficção científica, como se tivesse vindo de uma “galáxia muito, muito distante...” (parafraseando “Guerra nas Estrelas”), e eis que estamos nela. Saímos às ruas agora e nos deparamos com a nossa “pretensa normalidade”, com máscaras (por vezes, duplas!), nossos “kits de álcool”, e cumprimentos à distância. Seguimos acreditando que, afinal de contas, a Vida pode seguir seu curso normal. Ou, talvez, seja melhor acreditarmos nisso, não é mesmo? Mas, lá no fundo, todos sabemos que algo mudou definitivamente. Todos foram afetados. Uns mais, outros menos. Mas, todos, em algum grau, se viram obrigados a mudarem algo frente ao imprevisível e ao inusitado que se apresentara (e que ainda se apresenta!) naquele momento mundial.

A impotência diante de um vírus letal e desconhecido nos fez entrar em contato com a nossa ideia de HUMANIDADE – na realidade, com o fato de que somos HUMANOS (não somos máquinas, nem somos Deus), apenas, e sobretudo, HUMANOS – com nossas virtudes, nossas falhas, nossos erros, nossos anseios, nossa imperfeição, mas também, nossa solidariedade, compaixão, e Amor. Seres Perfeitamente Imperfeitos (o que, cá pra nós, é muito bom! deve ser um peso enorme “ser perfeito”...). Aprendi que a Imperfeição é feita de vários detalhes perfeitos!

Na realidade, tudo isso me fez sentir que uma das nossas maiores capacidades enquanto HUMANOS, é a capacidade de ADAPTAÇÃO a novos, estranhos, e diferentes contextos. ADAPTAÇÃO, FLEXIBILIDADE, e INOVAÇÃO, são as palavras de ordem do momento, e disso depende a nossa Sobrevivência (desde sempre!). Bom...e nesse sentido...Nós ainda somos os mesmos!! Graças a Deus!!!



● E SE A VIDA FOSSE UM FILME?



Beatriz
Berçott

A TRETA ENTRE ESTUDIOS E PLATAFORMAS UM ROTEIRO

Tipologia dos personagens:

Seguir as fotografias entregues pela escritora

02

Título:
A TRETA ENTRE...

Personagens:
Amigos em casa
Cinéfilos
Vinho, pipoca e Netflix

ROTEIRO:

Parte 1:

São as plataformas, também estúdios?
Amigos chegando, vinho sendo aberto, massa no forno...
"Que filme veremos hoje?"
Um grupo prefere Netflix, o outro, filmes antigos

Parte 2:

A massa queima... gritos...
Os amigos em plena discussão, não percebem que uma enorme névem de fumaça toma conta da sala
Todos votam por pipoca

CORTA PARA

Todos calados, vendo Stranger Things
Foco na mão com pipoca, indo até a boca...

SWE SD 2022

Continua...

Encaixa-se dentro dos debates atuais sobre as plataformas e os estúdios de cinema, e a crise pós COVID19, que assolou a indústria do cinema.

A crise econômica mundial fez com que os estúdios ofertassem mais filme para os estreamings, do que para as grandes telas.

Leia mais em reportagem da CNN



Local:

Amigos em jantar na casa de amigos

Cena:

Sala de estar/Hall de entrada
Questionamentos sobre os mais estúdios antigos estúdios de cinema, e os estúdios independentes e plataformas com ofertas de filmes.

Local:

Apartamento

Cena:

Sala com cozinha americana
1 corta
Sofa, taças de vinho na mão, e TV ligada

Memória rápida





Jorge
Nassar

● O TOM DA MÚSICA
NOSSA CULTURA

É TEMPO DE ARRAIÁ

Todos adoram uma festa junina. E são tantas na cidade que as festas acontecem cada vez mais cedo, iniciando em maio, tudo para se obter o maior número de público possível.

Algumas coisas são muito marcantes nessa festividade de São João, cuja origem não tem nada de religiosa. Muito pelo contrário.

As festividades juninas remontam os povos pagãos do primeiro milênio pós era cristã, e celebravam a chegada do verão europeu e as colheitas, principalmente de trigo e milho. Também havia fogueiras, danças e comilança.

A igreja católica, não conseguindo acabar com essas tradições, tratou de dar ares de celebração religiosa ao incorporar a festa de três santos muito importantes para a mesma: Santo Antônio, São Pedro e São João. O período das festividades se iniciava em 12 de junho (Santo Antônio) e se encerravam em 29 de junho (São Pedro), com a celebração intermediária de São João nos dias 23 e 24.

E como em festa de igreja não podia faltar os fiéis, as festas juninas eram a grande congregação da comunidade paroquial, regada a muita comida típica do sertão nordestino, palco maior destas festividades, música e entretenimento.

E como nossa coluna fala de música, não poderia deixar de ser o foco dessa conversa.

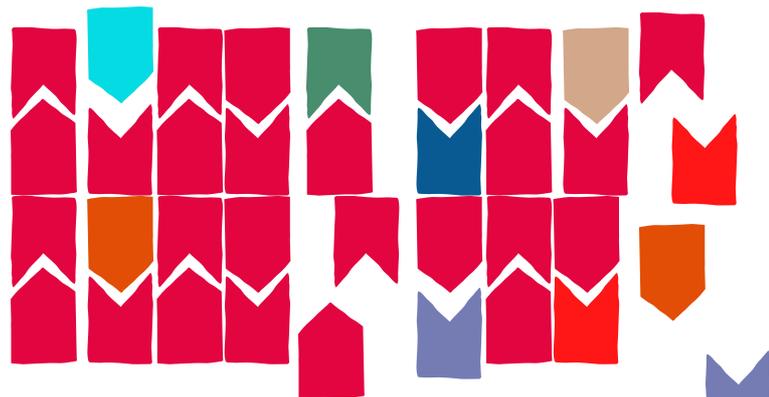
Como a raiz das festividades juninas remontam às cidades do norte e nordeste do Brasil, nada mais natural que o forró, o xote e o baião fossem a trilha sonora dessas festividades. E as danças de quadrilha foram o par perfeito para a alegria

da festa com o ritmo contagiante das músicas juninas. Clássicos como Pula a Fogueira, Festa na Roça, Recado a São João e tantas outras, com Mario Zan como um dos maiores nomes do estilo.

Ao longo dos anos novos artistas e outras músicas foram adicionadas à cultura do festejo junino: Gilberto Gil, Gal Costa, Zé Ramalho, Luiz Gonzaga, Dominginhos, Amelinha, Elba Ramalho, Fala Mansa, e muitos outros artistas que tiveram seus nomes vinculados à maior festa popular do inverno brasileiro.

Como tudo que começa a ficar muito comercial, começa a perder suas raízes, hoje as festas juninas são embaladas por músicas que verdadeiramente não trazem nenhuma identificação com o tema. O sertanejo tomou conta dos festejos juninos, inclusive sepultando as tradicionais quadrilhas, antes tão comuns nas festas paroquiais, e hoje apenas na lembrança de quem curte festa junina há mais de 30 anos.

Fato é que “gourmetizaram” as comidas, as danças, e as músicas. Uma pena, porque é mais uma tradição popular que vai ficando cada vez mais sem identidade e propósito. Quem sabe o que o futuro espera das festas de São João, cada vez mais excluído de sua própria festa.



Revista 15.47.

PARABOLOIDE EDIÇÕES - Vol 01, n. 10 (junho/julho/agosto - edição 2022)

Brasília - Brasil Online

Bimestral

Sumário Português

Disponível em :<https://paraboloide.com/revista-15-47>

1.Patrimônio 2-Brasília 3-Educação 4-Cultura 5-Tecnologia 6-Arte 7-Design

8-Música 9-Lazer 10-Turismo 11-Arquitetura 12- Urbanismo 13- Direito 14- Psicologia

DIREÇÃO EXECUTIVA, DE ARTE E EDIÇÃO:

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA
(PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS)

CONSELHO EDITORIAL:

ANDRÉ BERÇOTT
ANGELINA QUAGLIA
CYNTHIA NOJIMOTO
CAIO FREDERICO E SILVA
JOÃO DINIZ
LUCIANO BRASILEIRO DE OLIVEIRA
MARIA HELENA COSTA
MARIA LUIZA JUNIOR
PATRÍCIA IUNES DE ÁVILA E SILVA

REVISÃO GERAL:

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA

REVISÃO TEXTUAL:

PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS

REVISÃO DE ARTE E CURADORIA DE FOTOGRAFIA:

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA
BEATRIZ BERÇOTT
PATRÍCIA IUNES DE ÁVILA E SILVA
MALU PERLINGEIRO

DIAGRAMAÇÃO:

PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS

CAPA:

SOBREPOSIÇÃO DE OBRAS
ALFREDO VOLPI, 1970-1979. -TÊMPERA SOBRE TELA
FOTOGRAFIA: CATEDRAL METROPOLITANA Nª SENHORA APARECIDA, BRASÍLIA - DF.
HARUO MIKAMI

FOTOGRAFIA DE ÍNDICE:

IDEM

PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS ARQUITETURA E URBANISMO LTDA.

BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL

CONTATO@PARABOLOIDE.COM

(+55-61) 99914-0661

(+55-61) 98177-2538

PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS ARQUITETURA E URBANISMO LTDA.
BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL
CONTATO@PARABOLOIDE.COM
(+55-61) 99914-0661
(+55-61) 98177-2538

